



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES  
CURSO: PSICOLOGIA

**Relatos de vítimas de *bullying*:**  
**Uma análise sob a ótica da Análise do Comportamento**

Letícia Borges dos Santos

Brasília

Novembro, 2009



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES  
CURSO: PSICOLOGIA

## **Relatos de vítimas de *bullying*:**

### **Uma análise sob a ótica da Análise do Comportamento**

Monografia apresentada como requisito para  
conclusão do curso de Psicologia do  
UniCEUB – Centro Universitário de Brasília.  
Professora Orientadora: Eileen Pfeiffer Flores

Letícia Borges dos Santos

Brasília – DF, Novembro de 2009



CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB  
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE – FACES  
CURSO: PSICOLOGIA

### Folha de Avaliação

Esta monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Eileen Pfeiffer Flores  
Orientadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Elizabeth Tunes  
Examinadora

---

Prof<sup>ª</sup>. Msc. Marília de Queiroz Dias Jácome  
Examinadora

A Menção Final obtida foi:

---

Brasília, 24 de Novembro de 2009.

## **Agradecimentos**

Agradeço, primeiramente, aos meus pais pelo apoio financeiro incondicional ao longo desses anos de estudo e por me aguentarem nessa etapa agitada da minha vida. Essa foi apenas o começo, muitas ainda virão e sei que vocês estarão ao meu lado sempre!

Agradeço às minhas amigas, especialmente à Dani e à Karina, por compartilharem momentos de alegrias e de desesperos durante esses cinco anos. Sem vocês eles não teriam tanta graça!

Agradeço aos meus entrevistados pela coragem de expor de forma sincera o sofrimento pelo qual passaram.

Agradeço aos meus professores de Análise do Comportamento, principalmente ao Guto, por terem sido fundamentais na minha escolha pela abordagem.

Agradeço às professoras da banca examinadora pela atenção dispensada neste trabalho.

Agradeço à Eileen Flores que, além de orientadora, foi uma grande professora nesse último semestre, me ajudando sempre a enxergar as situações de todos os ângulos com suas sugestões pertinentes.

## Sumário

Folha de Avaliação.....	i
Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iv
Introdução.....	2
Capítulo I: Conceitos preliminares: Análise do Comportamento.....	4
Capítulo II: <i>Bullying</i> .....	18
Capítulo III: Metodologia.....	27
Capítulo IV: Análise de dois casos de <i>bullying</i> a partir da ótica da Análise do Comportamento.....	30
Considerações Finais.....	48
Referências Bibliográficas.....	50
Anexos.....	53

## Resumo

O objetivo da presente pesquisa foi o de analisar funcionalmente algumas contingências envolvidas no *bullying* a partir do discurso de duas pessoas que sofreram *bullying* na infância e na adolescência contrastando com a literatura sobre o tema. A literatura sobre *bullying* é baseada apenas em pesquisas quantitativas e é simplista e determinista ao definir características associadas às vítimas ao adotar um modelo de causalidade internalista. A partir da filosofia do Behaviorismo Radical, de sua visão de homem e dos conceitos da Análise do Comportamento, foram feitas críticas e reflexões sobre as consequências e possíveis causas do *bullying*, tirando o foco da vítima e questionando outras variáveis que podem influenciar o referido fenômeno. A análise funcional foi feita a partir de entrevistas semi-estruturadas com duas pessoas do sexo masculino, com idades entre 24 e 27 anos, que sofreram *bullying* na infância e/ou adolescência. Foram realizadas duas entrevistas com cada participante.

**Palavras-chave:** Análise do Comportamento; *Bullying*; Causas; Consequências;

A violência está se tornando um problema de saúde pública preocupante e crescente no mundo, com sérias conseqüências tanto individuais quanto sociais. Atualmente, os jovens estão aparecendo nas estatísticas como os que mais matam e os que mais morrem. Por isso, uma das formas de violência que tem vindo à tona é a violência juvenil, assim denominada por ser praticada por meninos e meninas com idades entre 10 e 21 anos (Lopes Neto, 2005).

Quando se discute a violência juvenil e os lugares onde ela é manifestada, a escola surge como um espaço ainda pouco explorado com relação ao comportamento agressivo cometido entre os próprios estudantes. A violência nos colégios é uma questão social relevante e complexa e, provavelmente, o tipo mais freqüente, visível e aceito da violência juvenil atualmente (Lopes Neto, 2005).

*Bullying* é um termo amplamente utilizado como significado de comportamentos agressivos, intencionais e repetidos, que ocorrem sem motivo específico, praticados por um ou mais estudantes contra outro, causando dor e angústia e sendo realizados dentro de uma relação desigual de poder. Essa relação desigual pode se referir à diferença de idade, de tamanho, de desenvolvimento físico ou emocional, ou do maior apoio dos demais alunos (Antunes & Zuin, 2008).

Existem duas categorias de *bullying*, o direto e o indireto. O *bullying* é classificado como direto quando há apelidos, agressões físicas, ameaças, roubos, ofensas verbais ou expressões e gestos que causam mal estar às vítimas. Já o *bullying* indireto são atitudes de indiferença, difamação e negação aos desejos (Trautmann, 2008).

Infelizmente, esses comportamentos agressivos ainda são habitualmente ignorados ou não valorizados pelos pais e pela própria escola (Lopes Neto, 2005). Uma possível explicação para isso é o fato de a expressão *bullying* ser nova, atual, e por isso muito mais visível como problema agora. Pode-se dizer que, como antigamente a palavra não carregava todo o significado e sentido que carrega hoje, e nenhuma outra exercia essa função em seu lugar, também ao problema em si não era dado o enfoque necessário, sendo, muitas vezes, considerado natural pelos adultos.

Outra noção amplamente utilizada, é o fato, como afirma Caliman (2006), de que pessoas que de alguma forma não se encaixam no conceito de normalidade são excluídas e marginalizadas pela sociedade. Esse conceito supõe que a causa do comportamento de *bullying* estaria sempre na vítima, ou seja, o fato de ela ser mais magra ou mais gorda, mais baixa ou com alguma deficiência, automaticamente favoreceria a ocorrência de comportamentos agressivos por parte dos outros, como se a vítima fosse sempre culpada.

Tendo em vista esse panorama atual do *bullying*, e o fato de a grande maioria dos estudos sobre o tema ser quantitativa e determinista, faz-se necessário um estudo qualitativo mais aprofundado acerca das reais conseqüências e possíveis causas do *bullying*. Propõe-se que a Análise do Comportamento pode auxiliar na compreensão das contingências que favorecem a ocorrência de *bullying* nos casos estudados.

O objetivo geral deste estudo foi fazer a análise funcional do fenômeno *bullying* a partir do relato de duas pessoas que sofreram *bullying* na escola. Os objetivos específicos foram: identificar quais as conseqüências que o *bullying* acarreta para a vítima, identificar algumas contingências que podem ter favorecido a ocorrência do

*bullying*; analisar as possíveis causas relatadas, identificar possíveis relações funcionais entre padrões comportamentais atuais da vítima e o *bullying* e sugerir uma análise mais ampla acerca do fenômeno com base na Análise do Comportamento.

O presente trabalho está estruturado inicialmente em quatro capítulos: o capítulo I apresenta um pouco da filosofia e os principais conceitos da Análise do Comportamento, o capítulo II resume a perspectiva da literatura sobre *bullying* atualmente, o capítulo III apresenta a metodologia utilizada no estudo e o capítulo IV contém análise dos discursos dos participantes com base na referida teoria.

## Capítulo I – Conceitos preliminares: Análise do Comportamento

O Behaviorismo Radical, criado por B. F. Skinner, é a filosofia da ciência do comportamento, sendo a Análise do Comportamento sua aplicação prática. Neste capítulo será feita uma breve definição de alguns conceitos utilizados pela Análise do Comportamento, bem como conceitos relativos à sua filosofia. Os tópicos explorados a seguir servirão de base para a compreensão da análise funcional que será feita a partir do discurso dos entrevistados.

### Behaviorismo Radical

O Behaviorismo Radical difere, em alguns aspectos, da maioria dos modelos teóricos da psicologia contemporânea. Um desses aspectos, polêmico e incompreendido, é a concepção de causalidade do comportamento humano.

A psicologia em geral tem uma visão de homem dualista, baseada na dicotomia mente-corpo, como se existisse uma entidade psíquica imaginária (alma ou mente) e ela fosse separada do corpo. O comportamento seria fruto dessa entidade, dessa existência interior que o controlaria como bem entendesse. Já a postura filosófica de Skinner não leva em consideração nenhuma entidade psíquica imaginária e não separa o eu do comportamento, o eu *é* o próprio comportamento, sendo esta uma visão monista, unitária, em que indivíduo e ambiente estão em constante interação. O indivíduo opera (comporta-se) *no* ambiente e não *sobre* ele. Dessa forma, a interação organismo-ambiente assume o objeto de estudo principal da filosofia de Skinner (Chiesa, 2006).

O ambiente mencionado acima não consiste apenas em lugares ou objetos, mas também em pessoas e situações presentes na vida do indivíduo que se comporta, sendo

chamado, nesse caso, de ambiente social. Outro tipo de comportamento é o comportamento privado, representado pelos sentimentos, emoções e pensamentos do indivíduo (Chiesa, 2006). Por exemplo, diante de uma prova de concurso muito esperada, o indivíduo, na véspera da prova, briga com seus pais. Internamente ele sente-se ansioso, angustiado, nervoso e agitado. Ou seja, seu comportamento inclui comportamentos externos, como brigar com os pais, e também sentir-se ansioso e angustiado. Essas condições internas (sentir-se ansioso e angustiado), porém, não explicam seu comportamento de brigar com os pais, e sim são consideradas mais um tipo de comportamento.

Influenciado pelo cientista Ernest Mach, Skinner adota uma visão de causalidade não-linear e multidirecional. Variáveis relacionam-se funcionalmente, em vez de haver relações lineares de causa-efeito. Na aplicação prática do Behaviorismo Radical, há que se verificar de quais variáveis determinado comportamento é função, sendo que a mudança em uma variável independente substitui a causa, e a mudança em uma variável dependente substitui a consequência (Chiesa, 2006).

Essa visão multidirecional adotada por Skinner deriva do conceito de seleção natural proposto por Darwin. Um exemplo desse mecanismo é que, antigamente, as girafas que tinham pescoço longo tendiam a deixar mais descendentes do que as girafas que tinham pescoço curto, pois o fato de ter pescoço longo permitia a essas girafas emitir comportamentos que eram mais reforçados do que os comportamentos que as girafas de pescoço curto emitiam, havendo uma seleção dos comportamentos bem sucedidos ao longo do tempo. Esse tipo de seleção por consequências é denominado por Skinner (2007/1981) de *seleção filogenética*, que são comportamentos selecionados ao

longo da evolução da espécie e que são comuns a todos os indivíduos dessa mesma espécie, também conhecidos como comportamentos inatos.

Pode-se fazer uma analogia entre o exemplo da girafa citado no parágrafo anterior e o fenômeno denominado pelos analistas do comportamento de *modelagem* do comportamento. Afinal, quanto mais uma resposta é reforçada, maior a probabilidade de ela ocorrer novamente, e quanto mais uma resposta é punida, menor a probabilidade de ela voltar a ocorrer, havendo assim uma aprendizagem operante dos comportamentos ao longo do tempo. Esse outro tipo de seleção por conseqüências é chamado por Skinner (2007/1981) de *seleção ontogenética*, como sendo a história de vida ou história de reforçamento do indivíduo, ou seja, sua interação com o meio social ao longo de sua vida.

Skinner (2007/1981) ainda identifica mais um tipo de comportamento selecionado pelas conseqüências: seleção da cultura, como sendo práticas culturais e comportamentos dos indivíduos enquanto grupos de mesma cultura, tema estudado pelos antropólogos. Por não requerer uma contigüidade ou linearidade ao longo do tempo, essas três causas são bem menos evidentes que as causas do modelo mecanicista, que as considera como elos em uma cadeia causal (Chiesa, 2006). Ou seja, as causas de determinado comportamento podem estar ao longo da história de vida da pessoa, e não necessariamente no evento que antecedeu o comportamento. Por exemplo, ao receber uma nota vermelha, Ana chora, mas não especificamente por causa daquela nota vermelha e sim porque ela aprendeu, ao longo de sua vida, que chorar fazia com que os professores ficassem com pena e aumentassem sua nota. Há que se esclarecer que não necessariamente Ana terá “consciência” dessa relação funcional entre chorar e

conseguir aumento na nota, uma vez que não é possível verbalizar grande parte das contingências em que se está envolvido.

Nesse sentido, os comportamentos são selecionados, mantidos e reforçados por eventos conseqüentes, sendo que os eventos antecedentes sinalizam as conseqüências, podendo evocar o comportamento. Mais do que causas e efeitos, busca-se traçar descrições de relações funcionais da interação entre comportamento e ambiente (Chiesa, 2006).

### **Alguns Conceitos Básicos do Comportamento Operante**

Segundo Skinner (1953), comportamento operante é aquele que *opera* no ambiente, ou seja, que produz conseqüências no ambiente e é afetado por elas. Essas conseqüências influenciarão a frequência de ocorrências futuras do comportamento que as produziu. Esse processo é denominado *condicionamento operante*, uma vez que os comportamentos (respostas) são aprendidos em função de suas conseqüências. No entanto, quando uma resposta específica já ocorreu, não pode se prever com exatidão a sua ocorrência futura, mas sim o que se pode prever é a ocorrência de respostas *semelhantes* à primeira. Esse conjunto de respostas é denominado classe de respostas ou classe operante, e essa classe é definida pela função, pois o que importa para o analista do comportamento não é a topografia da resposta, e sim a sua função, uma vez que respostas semelhantes que tenham a mesma função podem ser igualmente reforçadas. Ou seja, é a conseqüência do comportamento que irá delimitar as características necessárias que servirão de base para a generalização de respostas semelhantes. Um exemplo bem simples que ilustra esse conceito é o caso de uma pessoa que quer entrar em um apartamento mas a porta está trancada. Ela pode tocar a campainha, bater na

porta, gritar, chamar o chaveiro e, por fim, tentar arrombar a porta chutando ela. Todas essas respostas não têm a mesma topografia, mas são semelhantes e possuem a mesma função, que é abrir a porta.

As conseqüências que aumentam a probabilidade de que determinado comportamento ocorra novamente são chamadas de *reforço*. O reforço pode ser positivo quando um estímulo for acrescentado ao ambiente, ou pode ser negativo quando um estímulo for removido do ambiente (Skinner, 1953). Um exemplo de reforçamento positivo é o aluno que estudou e treinou muito para apresentar um trabalho na escola, e de fato apresenta um trabalho bom, e por isso é reforçado naturalmente pela atenção obtida dos colegas e professores durante a apresentação, que faz com que nos próximos trabalhos ele estude e treine com a mesma intensidade. Já um exemplo de reforçamento negativo é o caso do aluno que, na hora da prova, passa a resposta de uma questão para seu colega por medo de ser excluído do grupo de amigos. Ou seja, seu comportamento de “dar cola” para o colega tem o propósito de evitar que este o exclua do grupo de amigos do qual ambos fazem parte (reforço negativo). É importante ressaltar que para haver o reforçamento (positivo ou negativo) é necessário que haja um aumento na probabilidade de uma classe de resposta devido às conseqüências obtidas, ou seja, o reforço não é necessariamente algo bom e não é sinônimo de recompensa. Além disso, ele pode ser apenas um produto do próprio comportamento, sendo considerado, nesse caso, um reforço natural. Por exemplo, uma menina que nunca cozinhou e resolve fazer uma receita de bolo, é reforçada pelo gosto bom do bolo, de modo que o seu comportamento de fazer bolo aumente de freqüência. Já o reforço arbitrário é causado propositalmente. É o caso da mãe que dá chocolate para o filho se este arrumar o quarto bagunçado.

Existem dois tipos de classes de respostas que são mantidas pelo reforço negativo: o *comportamento de fuga* e o *comportamento de evitação*. Comportamento de fuga é o comportamento que retira determinado estímulo aversivo presente no ambiente (Skinner, 1953). Por exemplo, um menino está agredindo verbalmente uma menina e esta começa a chorar para que o menino pare de agredi-la. Seu comportamento de chorar tem a função de fazer com que o estímulo aversivo (agressão verbal) seja suspenso pois, no passado, chorar foi reforçado negativamente pela retirada do estímulo aversivo. Comportamento de evitação é o comportamento que evita o contato com um estímulo aversivo, ou seja, esse comportamento ocorre quando o estímulo aversivo ainda não está presente no ambiente (Skinner, 1953). Por exemplo, uma menina empresta o caderno ao colega evitando assim que este não fique nervoso com ela. O comportamento de emprestar o caderno tem a função evitar que o colega fique nervoso com ela.

Já as contingências que diminuem a probabilidade de determinado comportamento voltar a ocorrer são denominadas de punição. Assim como o reforço, a punição também pode ser positiva ou negativa. A punição positiva diminui a frequência de determinado comportamento pelo acréscimo de um estímulo aversivo ao ambiente (Skinner, 1974). Por exemplo, na hora da prova o aluno não diz a resposta de uma questão para o colega, e, por causa disso, é agredido fisicamente depois da prova por esse colega. Seu comportamento de não dizer a resposta da questão produziu um estímulo aversivo que foi a surra (conseqüência punitiva), diminuindo a probabilidade de este comportamento (não “dar cola”) voltar a ocorrer. A punição negativa também diminui a probabilidade de o comportamento ocorrer novamente, porém, pela retirada de um estímulo reforçador ao ambiente (Skinner, 1974). Por exemplo, um menino briga na escola e fica proibido de ver televisão durante uma semana por seus pais, fazendo

com que o comportamento de brigar diminua de frequência. No caso, a consequência punitiva foi a retirada de um estímulo reforçado (ver televisão). A consequência punitiva, assim como o reforço, pode ser natural ou arbitrária. Um exemplo de punição natural seria o caso de um menino que sai para brincar na rua descalço e machuca o seu pé com um prego, fazendo com que nas próximas vezes ele saia para brincar calçado. O prego é uma consequência punitiva natural pois decorre do próprio comportamento de andar descalço.

Outro tipo de consequência que diminui a frequência do comportamento é a *extinção*. Extinção é a suspensão de uma consequência reforçadora produzida por determinado comportamento (Skinner, 1953). Por exemplo, um aluno que estuda e tira notas boas nas provas é reforçado pelos elogios dos pais e professores. Porém, agora não recebe mais elogios mesmo tirando notas boas, o que faz com que ele pare de estudar e, conseqüentemente, de tirar boas notas. Seu comportamento de tirar notas boas era reforçado pelos elogios que recebia, porém, com a suspensão dos elogios, seu comportamento de estudar foi colocado em extinção, uma vez que a consequência reforçadora foi suspensa.

Além das consequências, o contexto em que o comportamento ocorre também pode afetá-lo. O contexto do comportamento operante muitas vezes é chamado de *estímulo discriminativo* e a mudança do comportamento diante da mudança do estímulo é a *discriminação*. Ou seja, para a discriminação ocorrer são necessários pelo menos dois estímulos discriminativos, dois contextos. Por exemplo, se Pedro se comporta de uma forma diante de seus pais e de outra forma diante de seus amigos na escola, então Pedro está discriminando entre esses dois estímulos discriminativos – pais e amigos da escola. Esse processo de discriminação pode ser explicado pela história de reforçamento

do indivíduo, pois um comportamento foi reforçado na presença de um estímulo discriminativo (pais) e outro comportamento foi reforçado na presença de outro estímulo discriminativo (amigos)(Baum, 1999).

Há que se deixar claro que nenhum evento é aversivo ou reforçador por natureza, mas são considerados assim pela história de cada indivíduo. O que é aversivo para uma pessoa pode não ser para outra e vice-versa. Por exemplo, receber elogios dos professores pode ser muito reforçador para João mas pode não ser tão reforçador para Mário, ou até mesmo aversivo, porque a história de reforçamento e punição deles é diferente (Skinner, 1953).

### **Análise Funcional**

O termo análise funcional refere-se a um método de interpretação dos fenômenos naturais utilizado por analistas do comportamento para buscar relações nas contingências tríplices, ou seja, entre um comportamento, suas conseqüências e a condição antecedente que estava presente quando o comportamento ocorreu. Juntas, a condição antecedente e as conseqüências formam a variável independente e a resposta em si, a variável dependente. Na terapia, por exemplo, essa é uma visão alternativa ao método ainda muito pregado pela maioria dos psicoterapeutas de buscar dentro do organismo uma explicação para o comportamento (Skinner, 1953), como por exemplo, no caso dos psicanalistas, a manifestação do id, ego e superego. A análise funcional, então, é a busca da função do comportamento com base na sua interação com o ambiente, lembrando que ambiente pode ser considerado como lugares, situações, pessoas, enfim, tudo o que estiver relacionado com o mundo do indivíduo.

Outro ponto importante que merece destaque é que comportamentos de mesma topografia (formas) podem ter funções distintas, ao mesmo tempo em que topografias distintas podem ter funções semelhantes (Vandenberghe, 2002). Por exemplo, durante o recreio da turma, Cláudio e Rodrigo permanecem em sala de aula estudando. Cláudio fica na sala estudando para evitar encontrar com meninos de outra turma que sempre que o vêem querem agredi-lo fisicamente, e Rodrigo permanece em sala estudando pois seu rendimento na escola não está bom e ele precisa recuperar suas notas para passar de ano. Esse exemplo demonstrou que comportamentos com topografias semelhantes (ficar na sala estudando) podem ter funções diferentes. Outro exemplo é o de Bia e Júlia. Bia fala muito em sala de aula, não estuda e vai para a escola com roupas curtas e provocantes, tudo isso para chamar atenção de Gabriel, um menino de quem ela gosta. Por outro lado, Júlia, também para chamar atenção desse mesmo menino, se esforça para tirar notas altas, não fala muito em sala de aula e vai para escola com roupas estilo *hippie*, que ela sabe que é o estilo que ele gosta. Esse exemplo demonstrou o contrário, ou seja, que topografias distintas podem ter funções semelhantes (chamar atenção de Gabriel).

Com a formulação do conceito de comportamento operante, ou seleção por conseqüências, a análise funcional, em vez de buscar apenas um agente originador do comportamento, recorre às múltiplas redes de determinantes do comportamento e suas conseqüências, expressada pela probabilidade futura de comportamentos de mesma classe voltarem a ocorrer (Neno, 2003).

Hawkins (1986, em Neno, 2003), ressalta o caráter idiográfico da análise funcional, uma vez que os três níveis de causalidade (filogênese, ontogênese e cultura) são únicos para cada indivíduo e comportamentos de mesma topografia podem ter

funções diferentes. Por isso, antes de se aplicar uma mesma técnica para dois clientes que estão com depressão, é necessário averiguar a cultura de onde os clientes vivem e a história de reforçamento de ambos. Afinal, a depressão para um cliente pode ter como função manter um casamento em crise, e para outro cliente pode estar associada a uma história escassa de reforçamento por parte dos pais. Mais difícil ainda seria aplicar a mesma técnica para clientes de nacionalidades distintas, pois a cultura em que cada um vive influencia tanto o seu comportamento público como o privado.

Por fim, a análise funcional, segundo Sturmey (1996, em Neno, 2003), tem que conter as seguintes informações: definição operacional do comportamento, especificação funcional das conseqüências que mantêm o comportamento, distinção entre variáveis antecedentes e inclusão de eventos privados na análise enquanto eventos comportamentais.

### **O Papel do Comportamento Privado**

Para o Behaviorismo Radical, a única diferença entre eventos públicos e privados é que eventos públicos são comportamentos (falar, dançar, rir, etc) que *podem ser* observados/relatados/ouvidos por mais de uma pessoa, mesmo que essa pessoa esteja sozinha. Já os eventos privados são comportamentos (sonhar, pensar, sentir tristeza ou alegria, etc) que nunca poderão ser observados/relatados/ouvidos por mais de uma pessoa, mesmo que essa pessoa não esteja sozinha (Baum, 1999).

Uma das críticas mais injustas que se faz ao behaviorismo é a desconsideração dos sentimentos, emoções e pensamentos, comportamentos que são considerados privados para essa filosofia. Ora, os analistas do comportamento não descartam os eventos privados, e sim os consideram tão importantes quanto os comportamentos

públicos. O que o Behaviorismo Radical afirma é que eventos privados não podem ser considerados causadores de comportamentos.

Quando alguém diz que está com raiva ou triste, geralmente está querendo dizer de predisposições para agir de determinadas maneiras, embora a Análise do Comportamento considere a raiva e a tristeza como comportamentos privados. A pessoa que está com raiva mostra uma alta probabilidade de agredir o objeto de sua raiva, e a pessoa que está triste mostra uma alta probabilidade de chorar. Entretanto, nem a raiva e nem a tristeza serão as causas dos comportamentos de agredir e chorar pois não explicam o que os originou, são apenas mais um tipo de comportamento. Essas “causas internas” são denominadas por Skinner (1974) de mentalismo.

Para Skinner (1953), eventos que se localizam no interior de um organismo tendem a ser difíceis de observar. Por isso, a fim de se entender as causas de um comportamento há que se descobrir as variáveis das quais o comportamento público e os comportamentos privados são função. Ou seja, identificar os antecedentes ambientais que evocam esses comportamentos (público e privado) e as suas conseqüências. O que acontece é que quando esses eventos ambientais não são facilmente reconhecidos, seja porque ocorreram há muito tempo ou seja porque não estão tão explícitos na história vida de um indivíduo, geralmente se atribui um papel mais importante à condição privada sentida no momento (Skinner, 1974).

Dessa forma, Skinner (1974) afirmava que o mentalismo, além de impedir a identificação dos eventos ambientais que realmente haviam originado determinado comportamento, infere uma entidade imaginária como causadora do comportamento. Dizer que Felipe, que nunca pergunta nada para os professores durante as aulas, é

tímido ou inteligente, é fazer uma descrição baseada apenas no comportamento observado dele – nunca perguntar nada para os professores. Essa explicação é redundante e não sai do lugar, pois Felipe não pergunta nada porque é tímido/inteligente, e é tímido/inteligente porque não pergunta nada. Uma justificativa mais concreta para esse comportamento poderia ser o fato de que na escola anterior seus colegas o chamavam de burro toda vez que ele ia tirar alguma dúvida com o professor, ou seja, seu comportamento de perguntar era punido positivamente pelos outros e por isso foi diminuindo de frequência ao longo do tempo.

### **Comportamento Social e Cultura**

Comportamento social, segundo Skinner (1953), é “o comportamento de duas ou mais pessoas em relação a uma outra ou em conjunto em relação ao ambiente comum”. Este comportamento ocorre quando um indivíduo é importante para outro como parte de seu ambiente. O reforço, no comportamento social, expressa-se por meio de atenção, aprovação, afeição e submissão, o que torna o comportamento mais flexível, uma vez que o indivíduo pode mudar de uma resposta para outra quando aquela não obtiver reforço. Conceitos como “pensamento do grupo” ou “caráter de uma nação” são amplamente utilizados para definir comportamentos comuns relativos a um determinado grupo. Porém, é o indivíduo que se comporta, ou seja, ele que começa determinado padrão comportamental, e não um grupo que resolve comportar-se ao mesmo tempo do mesmo jeito (Skinner, 1953).

Um dos motivos que explica o comportamento de reunião e conformação é a imitação. Na maioria das vezes, comportar-se como os outros se comportam tem grande chance de ser reforçado (Skinner, 1953). Por exemplo, um grupo de meninos agride

verbal e fisicamente outro menino todos os dias na escola, aparentemente sem motivo nenhum. Se um outro garoto quiser entrar para o grupo, a chance de ele também começar a agredir o menino é grande, pois ele sabe que esse comportamento será reforçado pelo grupo.

Outro motivo que pode explicar o envolvimento em grupos é o fato de que o grupo tem um poder maior de conseguir reforço. Já foi visto que é o indivíduo que se comporta, porém, o grupo torna esse mesmo comportamento mais efetivo. Juntando-se a um grupo, o indivíduo aumenta a sua chance de conseguir reforço (Skinner, 1953). Um exemplo é o caso do aluno que reclama para a diretora da escola de agressões que vem sofrendo por parte de outros alunos e a diretora não faz nada. No entanto, se um grupo de quinze meninos faz a mesma reclamação, a probabilidade de a diretora tomar alguma atitude é maior.

A escola é conhecida por ser um ambiente aversivo para muitas crianças e adolescentes. Acordar cedo, assistir aulas, estudar, fazer provas, lidar com outras crianças e adolescentes são comportamentos que nem sempre levam a um reforço imediato e visível para eles. Skinner, em 1953, já afirmava que “a educação é o estabelecimento de comportamentos que serão vantajosos para o indivíduo e para outros em algum tempo futuro”. Ou seja, é muito difícil fazer a criança entender que ir à escola é bom para seu futuro quando esta não vê nenhum reforço imediato ao frequentá-la.

O ambiente social muitas vezes é descrito como a “cultura” de um grupo. É comum ouvir que a cultura da escola A é diferente da cultura da escola B, pois enquanto a escola A enfatiza e estimula comportamentos considerados ecológicos e rentáveis, a escola B foca apenas no vestibular. Em uma definição mais ampla, a cultura na qual

uma pessoa vive é constituída de todas as variáveis que o afetam, e define comportamentos considerados comuns e socialmente aceitos (Skinner, 1953). Por exemplo, no Brasil é comum as pessoas se cumprimentarem com beijos e abraços, em outros países, porém, esses comportamentos podem soar ofensivos.

Cada cultura tem as suas agências controladoras mais poderosas, agências que podem controlar as variáveis que afetam o comportamento de um indivíduo, como a família, a educação, a religião, a economia e até mesmo a psicoterapia. Muitas das respostas que um indivíduo emite advém de seu histórico familiar, outras respostas são aprendidas na sua igreja, outras são condicionadas na terapia, e assim por diante. O fato é que nenhuma agência detém o controle unitário. Isso pode ser exemplificado por uma família de imigrantes, em que os costumes e valores entram em conflito. Os reforços oferecidos pela comunidade local, ou pelos amigos dos filhos podem não coincidir com os reforços fornecidos pela família (Skinner, 1953).

## CAPÍTULO II – *Bullying*

### **Definição e formas de envolvimento dos estudantes**

Provocações e violência nas escolas são problemas antigos e conhecidos das crianças e dos adolescentes, mas o termo *bullying* foi sugerido na década de 70 por Dan Olweus para designar comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos de parte de um ou mais indivíduos contra outro (s) sem um motivo aparente. Esses comportamentos podem tomar a forma de agressões físicas, verbais, discriminação, fofocas e exclusão e podem ocorrer na escola, no trabalho ou em meio a um grupo de amigos (Olweus, 1993). O presente trabalho enfocará o *bullying* ocorrido na escola.

O *bullying* é caracterizado pela ocorrência de uma relação de poder assimétrica que beneficie o agressor e que pode estar associada a diversos fatores: diferença de idade, de tamanho, de força física, de desenvolvimento intelectual ou ainda à diferença de apoio numérica, ou seja, o agressor pode estar em um grupo maior enquanto a vítima pode estar sozinha (Olweus, 1993).

Esses comportamentos, quando ocorrem dentro da escola, muitas vezes são considerados naturais por pais e professores, os quais geralmente não tomam nenhuma providência a fim de intervir nessas provocações (Lopes Neto, 2005). Infelizmente, apesar da complexidade e das conseqüências desse problema, ele tem sido socialmente bastante negligenciado. Muitos adultos consideram-no inevitável na vida escolar e, na maioria das vezes, encaram-no como algo que faz parte da iniciação à idade adulta, principalmente nos caso dos meninos (Freire, Simão & Ferreira, 2006).

O *bullying* pode ser classificado como direto ou indireto. O *bullying* direto é traduzido por agressões diretas à vítima, como apelidos, agressões físicas, verbais, ameaças, furtos e até gestos e expressões faciais que causem mal estar à vítima. Já o *bullying* indireto são comportamentos de indiferença, exclusão, negação e difamação (Olweus, 1993).

Um novo tipo de *bullying* tem sido alvo de atenção ultimamente, o *cyberbullying*. A diferença, neste caso, é que as provocações são feitas por meio da tecnologia, como sites de internet difamatórios, fotos digitais com montagem, mensagem de texto e e-mails (Lopes Neto, 2005).

Na literatura, autores como Lopes Neto (2005), Seixas (2005) e Trautmann (2008) propõem uma classificação do comportamento dos estudantes de acordo com a postura adotada: o de vítima, o de agressora, o de vítima-agressora e o de testemunha.

Como já foi visto acima, considera-se vítima de *bullying* o aluno exposto, de forma repetida e durante um tempo, às provocações perpetradas por um ou mais alunos. O autor do *bullying* é quem realiza essas provocações. As vítimas agressoras são estudantes que tanto sofrem como são autoras de *bullying*. As testemunhas, que estão presentes na hora das provocações, podem ter duas funções: manter o comportamento do agressor, uma vez que podem ser consideradas por ele como parte de uma “platéia”, reforçando suas atitudes, ou podem inibir o comportamento do agressor, se adotarem uma postura de reprovação do comportamento citado (Lopes Neto, 2005).

Antunes & Zuin (2008) oferecem uma visão mais crítica acerca do problema. Segundo os autores, o *bullying* não é apenas uma manifestação da violência sem qualquer motivação relevante. O referido termo está mais relacionado ao significado de

preconceito, quando associado aos aspectos sociais que caracterizam os alvos das provocações. Ou seja, o que hoje denomina-se *bullying* é um fenômeno antigo conhecido pela sociedade, mas que ganhou uma nova classificação por estudiosos para tentar prevê-lo e controlá-lo.

Não há dúvida de que o *bullying* seja mais uma forma de preconceito revestida de um termo moderno. Preconceito não só a fatores sociais, como baixa escolaridade ou pobreza, mas preconceito a tudo o que seja diferente, que fuja do padrão, podendo-se incluir nesta categoria aspectos físicos, como baixa estatura e cor da pele, e aspectos comportamentais, como a não reação às provocações e a timidez. O que torna essa visão interessante é o fato de que quando se vê a situação como *bullying* apenas, geralmente fatores sociais e econômicos não são considerados, parece que é um fenômeno que as crianças inventam, mas quando se vê a situação como uma manifestação do preconceito, os possíveis motivos se tornam mais claros e o contexto mais amplo.

### **Características associadas às vítimas**

Alguns autores definem características que fariam parte da “personalidade” de pessoas que são vítimas e autoras de *bullying*.

Nessa literatura, as vítimas são caracterizadas por serem pouco sociáveis, menos assertivas, inseguras, quietas, sensíveis, passivas, introvertidas, terem poucos amigos e apresentarem baixa auto-estima (por exemplo, Kaltiala-Heino et al, 1999; Olweus, 1995; Lopes Neto, 2005). Segundo Olweus (1993), as vítimas, por meio de suas atitudes e por demonstrarem as características acima listadas, sinalizam para outras pessoas que se forem insultadas ou provocadas não irão reagir. Já as vítimas provocativas são

caracterizadas por um elevado grau de ansiedade, agressividade e dificuldade de concentração.

No entanto, o sentido causal entre essas características e a ocorrência do *bullying* não é claro, uma vez que não se sabe se elas predispõem às provocações ou são dela decorrentes (Egan & Perry, citado em Martins, 2005). Ou seja, é difícil precisar se João é quieto na escola porque sofre *bullying* ou sofre *bullying* por ser quieto. Esse mesmo exemplo pode ser utilizado com a característica “ter poucos amigos”. Ter poucos amigos pode ser um fator que motiva os provocadores a implicar com a vítima e pode ser uma consequência para a vítima do *bullying*, uma vez que existe um preconceito contra os alvos em geral e a maioria dos estudantes não quer ser visto com eles.

A caracterização de uma “personalidade” da vítima revela uma visão simplista, reducionista e internalista, como se a culpa por sofrer *bullying* fosse da vítima ou da família da vítima, sem analisar o contexto no qual o fenômeno ocorre, as variáveis que contribuem para isso e a história de vida dos envolvidos. Dan Olweus (2003) nega a hipótese de que atributos físicos como estar acima do peso, usar óculos, ser de uma etnia diferente e atributos psicológicos como apresentar baixa auto-estima e insegurança, sejam decisivos ou determinantes para a ocorrência de *bullying*. Para o autor, a combinação de fatores como reação da vítima, força física e atitudes de adultos relevantes (pais e professores) são mais importantes para o desenvolvimento e extensão do fenômeno do que apenas uma característica física.

Outra característica do *bullying* apontada por Olweus (1993) é o fato de que as provocações ocorrem de forma diferente de acordo com o gênero. Os meninos tendem a

praticar *bullying* direto, como agressões físicas e verbais, e as meninas tendem a provocar de forma indireta, por meio de fofocas, difamação e exclusão.

Essa diferença pode ser explicada pela forma como comportamentos de meninos e meninas, de forma geral, são modelados ao longo do tempo. Em nossa cultura, os meninos, além de serem criados para serem os provedores, para cuidar da família e trabalhar, vêem na televisão ou escutam histórias de homens que tiveram sucesso usando a força física, como os príncipes das histórias infantis e os super-heróis dos desenhos animados. Ou seja, o comportamento de agredir fisicamente e “derrotar o inimigo” é reforçado pela admiração da platéia e pelas conseqüências subseqüentes. Já as meninas são criadas para cuidar da casa e dos filhos, para isso os adultos reforçam comportamentos que demonstram zelo e carinho, diferente das agressões e agitações demonstradas pelos meninos. Talvez em parte por isso, ao praticar *bullying*, as meninas geralmente não agredem fisicamente, se utilizando de meios mais indiretos para alcançar seus objetivos.

Um estudo realizado por Solberg, Olweus & Endresen (2007) em escolas na Noruega constatou que a diferença de gênero era relevante para a autoria do *bullying* e para as vítimas-agressoras, mas não era relevante para vítimas. Ou seja, o resultado do referido estudo demonstrou que a porcentagem de meninos que provocam e que são ao mesmo tempo vítimas-agressoras é bem maior do que a porcentagem das meninas que têm a mesma postura, enquanto que tanto meninos como meninas apresentam chances equivalentes de serem vítimas de *bullying*.

### **Possíveis causas e conseqüências**

Segundo Lopes Neto (2005), alguns aspectos familiares podem contribuir para um indivíduo ser alvo de *bullying*, entre eles destacam-se: proteção excessiva por parte dos pais, ocasionando dificuldades para se defender posteriormente; tratamento infantilizado, retardando o desenvolvimento psíquico e prolongando a imaturidade; e ter o papel de “bode expiatório” da família, sofrendo críticas e somatizando problemas familiares que muitas vezes não tem a ver com a própria criança.

Amado e Freire (2002, citado em Freire, Simão & Ferreira, 2006) citam ainda como causa do *bullying* defeitos físicos ou mentais dos alvos, como ter um nariz grande ou ser portador da Síndrome de Down, bom rendimento escolar, origem social, demográfica ou étnica diferente da maioria e até pertencer ao sexo feminino. Com relação à família, os modelos de autoridade que a criança tem em casa, o clima emocional entre a família e as relações de afeto entre pai e filho também podem contribuir para o sofrimento do *bullying*.

Com relação às conseqüências, todos os autores utilizados citam ansiedade, depressão e baixa auto-estima como resultado do *bullying* (por exemplo, Olweus, 1995; Lopes Neto, 2005; Martins, 2005; Seixas, 2005). Martins (2005) e Kaltiala-Heino et al (1999) complementam, afirmando que vítimas de *bullying* têm mais chances de apresentar problemas de saúde física, como dores crônicas ou as denominadas doenças psicossomáticas (câncer é um exemplo delas), problemas psicológicos, como dificuldades para dormir e urinar na cama, e desordens mentais, como síndrome do pânico.

### **Algumas pesquisas realizadas**

Alguns artigos revisados na elaboração deste trabalho continham pesquisas quantitativas sobre a incidência do *bullying* e suas conseqüências. Um breve resumo de três dessas pesquisas e seus resultados estão demonstrados a seguir. Nas três pesquisas os autores classificam os alunos em quatro grupos com relação ao envolvimento no *bullying*: sem envolvimento, vítimas apenas, vítimas provocativas e provocadores apenas.

Solberg e Olweus (2003) realizaram uma pesquisa, por meio de um questionário, sobre a ocorrência de *bullying* em 37 escolas da Noruega. Participaram ao todo 5.825 alunos, do 5º ao 9º ano (corresponde da 5ª série do ensino fundamental ao 1º ano do ensino médio), com idades variando de 11 a 15 anos.

Segundo as análises do questionário, as vítimas obtiveram níveis maiores de baixa auto-estima e tendências depressivas do que as pessoas não envolvidas. Provocadores declararam serem mais agressivos e apresentarem mais comportamentos anti-sociais do que as vítimas. Diferenças de sexo e idade também foram encontradas: meninos sofrem e praticam *bullying* com mais freqüência do que meninas, e alunos mais novos sofrem mais *bullying* do que alunos mais velhos (Solberg e Olweus, 2003).

Carvalhosa, Lima & Matos (2001) realizaram uma pesquisa sobre a incidência do *bullying* e suas possíveis causas em 191 escolas da Portugal, com um total de 6.903 alunos participantes, da 6ª, 8ª e 10ª anos de escolaridade (corresponde à 6ª e 8ª séries do ensino fundamental e ao 2º ano do ensino médio), com idade média de 11, 13 e 16 anos.

Da análise dos resultados pôde-se concluir que os meninos estão mais envolvidos em comportamento de *bullying* do que as meninas. O grupo das vítimas provocativas é mais envolvido em violência fora da escola do que qualquer outro grupo.

Tantos as vítimas como os provocadores têm melhor relacionamento com os pais do que as vítimas provocativas. O grupo do sem envolvimento e o grupo dos provocadores apresentam melhor relacionamento com os amigos do que o grupo das vítimas e das vítimas provocativas. Com relação à saúde mental, o grupo do sem envolvimento apresenta níveis de saúde mental mais elevados que o resto dos grupos, sendo que o grupo dos provocadores e o grupo das vítimas apresentam níveis de saúde mental mais elevados do que o grupo das vítimas provocativas. Com relação ao consumo de drogas, álcool e tabaco, o grupo dos provocadores apresenta níveis de consumo dessas substâncias mais altos do que o resto dos grupos. E com relação à atitude frente à escola, o grupo do sem envolvimento apresenta a melhor atitude face à escola, enquanto o grupo das vítimas provocativas apresenta a pior atitude face à escola.

A pesquisa conclui que os alunos que não se envolvem com o *bullying* geralmente são mais velhos, com nível de escolaridade mais elevado e são do sexo feminino. Ademais, comportamentos como consumo de drogas, álcool e tabaco conduzem o indivíduo a praticar *bullying*, e sintomas de depressão e a qualidade de relacionamento com os amigos conduzem o indivíduo a sofrer *bullying*.

Por fim, Kaltiala-Heino et al (1999) realizaram uma pesquisa sobre as conseqüências do *bullying* em escolas na Finlândia, somando um total de 17.643 alunos participantes, da 8ª e 9ª séries (corresponde à 8ª série do ensino fundamental e ao 1º ano do ensino médio), com idades variando de 14 a 16 anos.

De acordo com o resultado da pesquisa, meninos sofrem e praticam mais *bullying* do que meninas. Os grupos das vítimas, das vítimas provocativas e dos provocadores apresentam mais depressão e idéias suicidas do que o grupo do sem

envolvimento, sendo que a depressão é mais comum no grupo das vítimas provocativas, seguido pelo grupo das vítimas, e as idéias suicidas são mais comuns também no grupo das vítimas provocativas, seguido pelo grupo dos provocadores.

A pesquisa conclui que alunos que se envolvem com o *bullying*, seja como vítima, vítima provocativa e provocador, têm maiores chances de apresentarem depressão e idéias suicidas do que aqueles que não se envolvem.

Com base nesses três estudos, pode-se constatar que as pesquisas sobre *bullying* adotam uma visão descritiva e determinista, favorecendo a explicação do fenômeno baseada no conceito causa-efeito. Além disso, segrega os indivíduos de forma a encaixá-los em determinados perfis, como se a criança ou o adolescente não pudesse se comportar de outro modo que não o estabelecido no padrão.

Este capítulo teve como objetivo apresentar os estudos sobre o fenômeno *bullying*, desde sua definição até às características, causas e conseqüências atribuídas pelos estudiosos do assunto às vítimas de *bullying*. Como apenas questionários foram utilizados para aferir desde a incidência do fenômeno até às conseqüências para os envolvidos, faz-se necessário um estudo mais aprofundado sobre o tema, utilizando-se pesquisas qualitativas e considerando o discurso dos envolvidos, uma vez que nenhum episódio de *bullying* é idêntico e os questionários, além de não considerarem a individualidade, não são suficientes para explicar os fatores envolvidos no fenômeno e suas possíveis conseqüências.

## Capítulo III: Metodologia

### Tipo de pesquisa

Com a crescente individualização da sociedade, a pesquisa quantitativa não é tão eficaz e suficiente para estudar todos os significados do tema estudado. Entrevistar ou entregar questionários para os participantes de uma pesquisa com o propósito de confirmar ou corroborar a teoria utilizada é viável quando se quer apenas obter resultados mais exatos e objetivos, mas não é viável quando se pretende construir (ou desconstruir) formas de falar sobre um assunto, ou seja, quando não há categorias prontas ou se deseja desnaturalizar essas categorias ou ir além delas (Flick, 2004). Tendo em vista que o *bullying* é considerado, de forma geral, um tema complexo e delicado de se abordar, e que a própria categoria do *bullying* é uma construção recente, foi realizada, no presente estudo, uma pesquisa qualitativa, visando estudar as diferentes perspectivas das vítimas acerca do fenômeno, um pouco da história de vida de cada uma, bem como de que forma, sob os seus respectivos pontos de vista, o ambiente social em que viviam as influenciou para que sofressem *bullying*.

### Participantes

Foram entrevistadas duas pessoas do sexo masculino, Lucas e F. D., que preferiram, respectivamente, adotar nome fictício e iniciais do próprio nome para a pesquisa. Lucas tem 24 anos, nível superior incompleto, bom nível sócio-econômico e relata ter sofrido *bullying* quando tinha 12 anos. F. D. tem 27 anos, nível superior completo, bom nível sócio-econômico, é concursado e relata ter sofrido *bullying* dos 12 aos 15 anos. Os dois participantes são conhecidos da autora e já haviam concordado em conceder as entrevistas.

## **Procedimento**

Foram realizadas duas entrevistas com cada participante. A primeira entrevista teve como objetivo coletar dados e informações mais gerais da vida dos participantes, para que na segunda entrevista alguns assuntos surgidos na primeira pudessem ser aprofundados. Foram feitas perguntas abertas, de modo que os participantes se sentissem livres para aprofundar o assunto, e perguntas fechadas, para sanar eventuais dúvidas da entrevistadora.

Antes das primeiras entrevistas, a autora entregou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (em anexo) aos participantes, leu-o junto com eles em voz alta e perguntou se eles tinham alguma dúvida. Os dois responderam negativamente e assinaram. As quatro entrevistas foram feitas individualmente, em local escolhido por eles, gravadas e posteriormente transcritas, sendo então enviadas a eles por e-mail para que pudessem vê-la e fazer alguma alteração, se necessário. Apenas o Lucas fez pequenas alterações, retirando assuntos surgidos na primeira entrevista que ele não gostaria de expor.

As duas entrevistas com F.D. ocorreram em uma sala de reunião em seu ambiente de trabalho, com duração de 35 minutos a primeira e 27 minutos a segunda. Já as duas entrevistas com Lucas ocorreram em uma lanchonete, com duração de 33 minutos a primeira e 29 minutos a segunda.

Após a transcrição das primeiras entrevistas, a autora, de posse dos dados e informações obtidas, fez um mapa conceitual (em anexo) de cada um, que consiste em um diagrama que indica relações significativas entre conceitos trazidos pelos participantes. O mapa conceitual foi proposto pela orientadora Eileen Flores para

organizar as informações e conceitos das entrevistas e mostrar aos participantes no momento da segunda entrevista para que pudessem confirmar as informações ali expostas, bem como retirar, acrescentar ou alterar o que não fosse adequado para eles. Nenhum dos dois fez qualquer alteração.

### **Instrumento de pesquisa**

As quatro entrevistas foram semi-estruturadas, sem nenhuma lista de perguntas e os tópicos eram sugeridos, a fim de conferir um caráter informal às entrevistas, para que os participantes se sentissem mais à vontade para falar de um tema potencialmente aversivo. Sempre que um novo tópico começava durante a entrevista, eram feitas perguntas abertas, para que os participantes se aprofundassem no tema, e à medida que iam surgindo dúvidas, eram feitas perguntas fechadas para que os participantes prestassem os devidos esclarecimentos.

### **Análise das entrevistas**

A análise das entrevistas foi categorizada em cinco tópicos, a partir dos conceitos trazidos pelos participantes. Inicialmente, a idéia da autora era analisar apenas as conseqüências do *bullying*, porém, ao longo das entrevistas, outros sentidos importantes do fenômeno foram surgindo, alguns por repetidas vezes, fazendo com que a análise tivesse outras perspectivas, enriquecendo-a.

## Capítulo IV: Análise de dois casos de *bullying* a partir da ótica da Análise do Comportamento

A presente análise será feita com base na teoria da Análise do Comportamento e nos estudos sobre o *bullying*, ambos vistos na Fundamentação Teórica. A discussão foi dividida em cinco tópicos relacionados aos temas que surgiram durante as entrevistas. O primeiro tópico é mais descritivo e serve para contextualizar o tipo de *bullying* sofrido pelos participantes e a duração, a fim de facilitar a compreensão do leitor. O segundo tópico aborda as conseqüências relatadas do *bullying*, o terceiro tópico fala dos comportamentos correlacionados ao *bullying*, o quarto tópico aborda a questão de atribuição de causa internalista e o quinto tópico discute a naturalização do *bullying*.

### **O *Bullying***

O *bullying* sofrido por F.D. durou da sexta série do ensino fundamental ao primeiro ano do ensino médio da mesma escola. Era praticado por meninos mais fortes de sua turma e tinha a forma de “brincadeiras”, do tipo colocar apelidos, xingar e jogar bolinha de papel, caracterizando, na classificação de autores como Olweus (1993), o *bullying* direto. F. Não reagia de nenhuma forma. Não havia a participação de meninas e não havia agressões físicas. F. relata um exemplo de como essas provocações ocorriam: “eu lembro uma vez que o colega começou a tacar bolinha de papel e pedaço de borracha em mim, aí como eu não reagi, continuou jogando. De repente tava a turma toda jogando em mim e eu não fazia nada.”

Já o *bullying* sofrido por Lucas ocorreu durante a sexta série em uma escola na qual ele estudava desde a terceira. Lucas também não reagia e após a sexta ele mudou-se de escola. Era praticado por seus próprios amigos na época e tinha a forma de críticas

negativas, empurrões, chutes e tapas na cabeça, caracterizando, segundo Olweus (1993), o *bullying* direto e sem a participação de meninas. Lucas dá uma noção de como essas provocações se manifestavam: “Eram mais assim, agressões tipo tapas na cabeça, empurrões, jogar no chão... me tiravam da fila da cantina.”.

### **Conseqüências relatadas pelos entrevistados**

Durante a entrevista com F.D. surgiram questionamentos sobre quais foram as conseqüências de ter sofrido *bullying*. F. D. falou várias vezes sobre a sua desmotivação em fazer amigos e realizar outras atividades:

“Aos poucos eu fui me retraindo cada vez mais. Passei a ter poucos amigos, eu meio que evitava esses colegas, então fui ficando cada vez mais isolado, me auto-isolando né. ...Chegou uma época aí, entre os 14 e 15 anos que praticamente eu não tinha mais amigos nenhum. ...Eu acho que eu deixava de procurar, de participar de algum grupo, de fazer alguma atividade justamente com receio de ser hostilizado nesse grupo. Eu acho que eu deixei de fazer muita coisa na adolescência por causa disso. Por exemplo, eu sempre quis aprender um instrumento musical, mas como eu fui me retraindo e ficando cada vez mais recluso, acabei não me interessando por essas atividades. ...Eu acho que houve até um período no começo da faculdade que isso teve conseqüências. Eu era muito recluso, muito receoso de me enturmar com as pessoas, interagir, e acho que boa parte por causa desse *bullying* que eu sofri”.

Esse discurso de F. D confirma o que a literatura sobre *bullying* diz das características associadas às vítimas, afirmando que tendem a ser quietas, pouco assertivas, introvertidas e a ter poucos amigos. Mais uma vez essa questão remete à

noção de causalidade linear, pois não se pode comprovar que F.D. não tinha amigos porque sofria *bullying*, ou que não tinha amigos por ser recluso e evitar contato com outras pessoas. Até que ponto o fato de ele se auto-isolar contribuía ainda mais para que o *bullying* continuasse?

As conseqüências relatadas por Lucas focam mais no medo que ele sentia de encontrar com as pessoas, de confiar nelas e de fazer novos amigos:

“Foi aumentando gradativamente dentro da sala de aula, fora, durante os intervalos, a ponto de eu começar a matar aula e me esconder na escola, cheguei a ficar sem ir à escola durante um mês. ...Eu parei de ter confiança nas pessoas, sempre pensava duas vezes antes de falar algo para alguém, passei a sair menos de casa, com certo receio das pessoas na rua né. Medo de fazer novas amizades e acontecer o mesmo que aconteceu. Enfim, eu perdi muito contato social, a oportunidade de socializar mais com as pessoas e até hoje eu posso dizer que ainda carrego um pouco disso. ...comecei a ter problemas pra falar em público, pra lidar em situações com várias pessoas. E até hoje eu estou lutando com isso pra conseguir voltar ao que era antes”.

Sobre o rendimento escolar:

“Caiu drasticamente, eu não conseguia mais estudar, eu nem me importava com as notas e nada, só escrevia meu nome na prova e entregava. E depois dessa época eu perdi o interesse que eu tinha pelo estudo, pelo conhecimento, eu diria que eu nunca mais recuperei essa vontade de estudar”.

Lucas relata falta de confiança nas pessoas, que pode estar associado ao fato de o *bullying* ter sido praticado por seus próprios amigos na época, pessoas em quem ele confiava, ou seja, a confiança foi punida. Foi uma punição positiva pelo acréscimo de estímulos aversivos no ambiente, no caso, as provocações perpetradas por eles. Com isso, seu comportamento de confiar nos amigos (que pode ser traduzido em termos comportamentais como contar segredos aos amigos, freqüentar as casas deles, sair com eles, etc.) diminuiu de freqüência, até chegar ao ponto de ele não confiar mais em quase ninguém.

Com relação à perda do interesse pelo estudo, pode ter ocorrido um emparelhamento respondente, ou seja, tudo o que está relacionado à escola se torna aversivo, como estudo, colegas e professores. Lucas pode ter emparelhado os estudos com a situação de *bullying*, que era por si só muito aversiva, fazendo com que seu rendimento caísse pelo pouco contato com os estudos, que se tornaram então estímulos aversivos. A perda do interesse pelo conhecimento também confirma o que está na literatura, que afirma que há uma queda do rendimento escolar quando a criança ou adolescente passa a ser vítima de *bullying* (Olweus, 1993).

A partir das conseqüências relatadas por F.D. e por Lucas, pode-se perceber que os seus comportamentos de esquiva (ter receio de participar de grupos, não ter amigos, realizar alguma atividade, matar aula, sair menos de casa, falar em público) tinham a finalidade de não entrar em contato com o estímulo aversivo que, no caso, era a alta probabilidade de ser hostilizado pelos colegas. Para eles, não sair de casa e não entrar em contato com outras pessoas era mais seguro do que tentar fazer novas amizades, participar de grupos e falar em público. Afinal, ao ficar em casa e não ter que fazer amigos, a pessoa tem uma probabilidade quase nula de ser perturbada pelos outros.

Entretanto, esses comportamentos de esquiva, que duraram alguns anos, também fizeram com que F. e Lucas perdessem a oportunidade de ter contato com reforçadores positivos, como novas amizades e a realização de atividades, ou seja, contingências que poderiam ter amenizado as conseqüências do *bullying*. Cabe lembrar aqui que o comportamento de esquiva tem essa característica de ser longo e de difícil extinção, porque como, no caso, a vítima de *bullying* se esquiva, ela não tem oportunidade de perceber que depois de algum tempo, talvez os punidores (como ser hostilizada) nem existam mais. Às vezes a pessoa nem sofreria mais *bullying*, mas como evita qualquer situação associada àquilo, não tem chance de ver que o perigo já poderia ter passado.

Uma questão que merece destaque é o fato de ambos os participantes terem feito uma generalização de estímulos. Afinal, os comportamentos de esquiva deles não ocorriam apenas em situações em que os colegas que praticavam o *bullying* estavam presentes, mas em contingências que os expunham de alguma forma. Uma das possíveis explicações é o fato de eles atribuírem as causas de sofrerem provocações não ao ambiente escolar ou aos provocadores, mas sim a eles mesmos, por isso a esquiva das contingências de exposição, mesmo que nessas contingências estivessem presentes outras pessoas e ocorressem em outro local que não a escola.

Contrariando a literatura sobre *bullying*, nenhum participante relatou problemas físicos, como dor crônica ou doenças graves do tipo psicossomáticas. Apesar de tanto F.D. como Lucas não terem mencionado as palavras “ansiedade” e “depressão”, não se pode pressupor que isso não ocorreu a eles, uma vez que eles relataram comportamentos tipicamente “depressivos” e “ansiosos”, como não sair de casa, não socializar e ter medo de fazer novas amizades. São autores como Olweus (1993), Lopes Neto (2005) e

Carvalhosa, Lima e Matos (2001) é que agrupam esses comportamentos e denominam como sintomas de depressão ou ansiedade.

### **Comportamentos correlacionados ao *bullying***

Alguns comportamentos relatados por F. e por Lucas podem ter correlação com o fato de ambos terem sofrido *bullying*. F., por exemplo, também praticou *bullying* na 8ª série contra seu colega de turma:

“Da mesma forma que eu sofria esse *bullying*, essa perseguição, eu também fazia isso contra os colegas que eram mais fracos que eu. Eu lembro que eu tinha um colega que eu sempre andei com ele, e eu acho que ele tinha até um problema mental, era um pouco mais atrasado. E aí os outros colegas zoavam ele o tempo todo. ...chamavam ele de gordinho, por ele ser gordo. Mas tinham apelidos que eram pelo fato de ele ser mais, digamos, atrasado que os outros. Eu lembro que eu comecei também a zoar dele talvez pra tentar me enturmar com meus outros colegas. ...Engraçado que eu meio que tentava me diferenciar dele, então acho que eu queria acreditar que eu não queria fazer parte do grupo dele, que eu fosse igual a ele. Acho que é por isso que eu participava da zombaria também junto com os colegas.”

De acordo com a literatura sobre *bullying*, F. se encaixaria no grupo das vítimas provocativas, por ter sofrido e praticado *bullying*. Porém, refutando algumas pesquisas realizadas citadas anteriormente, as quais afirmam que as vítimas provocativas tendem a apresentar um relacionamento ruim com os pais, baixos níveis de saúde mental, maiores índices de depressão e de idéias suicidas, F. tem bom relacionamento com os pais, apresenta boa saúde mental e não relatou idéias depressivas ou suicidas.

Skinner (1953, 1974) era crítico perante análises meramente descritivas como essa, em que se cria taxonomias mas não se explica as relações entre as variáveis, ou seja, os autores citados no capítulo II explicam quais são os critérios para alguém ser classificado como vítima apenas ou vítima provocativa, mas só descrevem, não vão além disso, não explicam funcionalmente. Na análise funcional, um comportamento é evocado por estímulos antecedentes que sinalizam certas conseqüências que ocorreram no passado. A relação entre ter sofrido violência e depois perpetrá-la é complexa, não é linear e vai ser diferente em cada caso. Embora exista uma correlação entre ter sofrido *bullying* e praticá-lo, a correlação é diferente de causa. Assim como em outras formas de violência, a relação entre ter sido vítima e tornar-se agressor está longe de ser clara e tem que ser analisada funcionalmente em cada caso específico.

Como o próprio F. reconhece, o motivo de ele provocar seu amigo era para tentar se diferenciar dele, F. não queria ser visto como o amigo era visto, não queria ser *igual* ao amigo. Partindo-se do pressuposto de que todas as pessoas são diferentes e de que F. não apresenta nenhum tipo de problema mental, a expressão “igual” revela que os dois deviam ser vistos como duas pessoas que mereciam ser agredidas e provocadas. Pode-se dizer que esse comportamento de F. era mantido por reforçamento negativo, pois F. achava que praticando *bullying* contra o amigo conseguiria se diferenciar dele e se enturmar com os outros colegas, e que assim as provocações contra ele próprio parariam, porém, não foi isso o que aconteceu: “enquanto fosse para zoar do colega aí sim a gente estava unido no mesmo objetivo, mas tão logo isso cessava, eu era vítima das mesmas humilhações.”.

Outro comportamento que pode ter sido influenciado pelo *bullying* é a procura de F. por colegas que sofriam a mesma coisa que ele, a qual o próprio F. explica: “talvez

por segurança né, por saber que eles não iam fazer o mesmo comigo.”. Ou seja, andar com esses colegas era uma forma de proteção, uma forma de garantia de que aquelas pessoas não iriam agir como as outras agiam, pelo fato de passarem pela mesma situação. Pode-se inferir que esse comportamento é um comportamento de esquiva, pois diminui as chances de contato com o estímulo aversivo que, no caso, são as provocações dos colegas. Porém, o comportamento de F. de andar com pessoas que sofrem *bullying* aumenta a probabilidade de ele também sofrer *bullying*, criando-se um círculo vicioso: ao mesmo tempo em que F. tenta fugir das provocações andando com outras vítimas, esse comportamento aumenta as chances de o próprio F. de sofrer *bullying*.

Um ponto interessante durante a primeira entrevista é quando F. relata que, no segundo ano do segundo grau, quando já não sofria mais *bullying* e tinha novos amigos, tirou sua primeira nota vermelha e isso foi motivo de orgulho. Essa questão foi aprofundada na segunda entrevista, e F explicou que “tirando essa nota vermelha eu estava me achando mais próximo daquele grupo, das pessoas à minha volta, como se eu me sentisse parte deles.”. F. já havia relatado que os seus novos amigos tiravam nota vermelha com mais frequência, o que a tornou reforçadora naquele momento, pois ela fazia com que F. sentisse que pertencia a um grupo, e esse grupo não sofria *bullying*. Afinal, na cultura escolar, o comportamento de tirar notas muito boas pode ser punido, enquanto que tirar notas baixas pode ser reforçado negativamente, pois evita que a pessoa seja chamada de “nerd”, “cdf” e apelidos do tipo.

Uma questão que merece destaque é o silêncio de F. e de Lucas na época que sofreram *bullying*. Nenhum dos dois procurou ajuda. F. relata que não contou nada para os pais por sentir vergonha: “Pra mim seria como se fosse um sinal de fraqueza dizer

que eu sofria isso.”. Essa fala pode estar relacionada ao fato de que F. tem dois irmãos (um mais velho e um mais novo) que estudaram no mesmo colégio que ele e não sofreram *bullying*. Dizer que sofria *bullying* é como se fosse dizer que os irmãos eram melhores porque não sofriam.

F. relata, igualmente, que nunca procurou a direção da escola. Isso pode ser explicado pelo mesmo motivo por qual ele também não comentava com os colegas que não gostava das provocações: “Imediatamente eles iam começar a rir de mim e iam me zoar ainda mais”. Como se procurar ajuda da direção e contar para alguém o que sofria fosse um comportamento considerado vergonhoso por parecer infantil, contribuindo ainda mais para as provocações.

Lucas também não buscou ajuda na época, apenas contou para os pais o suficiente para que eles o tirassem da escola:

“eles perguntavam o que estava acontecendo, por que eu não queria ir para a aula, mas eu não contava tudo, eu só contava que implicavam muito comigo. ...Então eu dizia mais isso pros meus pais, e eles pensavam em um jeito de me ajudar, mas como eu não contava tudo não tinha como eles adivinharem o que estava se passando.”.

No caso, pelo fato de os pais saberem pelo menos um pouco o que estava acontecendo com o filho, a postura adotada por eles ajudou, pois eles queriam achar uma forma de ajudá-lo, o que resultou na saída de Lucas da escola. Depois disso, Lucas conta que nunca mais sofreu *bullying* na sua vida escolar.

O comportamento de F. e de Lucas de não procurar ajuda condiz com o que a literatura afirma. Quando uma pessoa é provocada constantemente, primeiro ela recorre a um colega, depois aos pais e, por último, aos professores. A maioria dos jovens acha que os professores não sabem como impedir esse tipo de situação (Martins, 2005). Provavelmente porque em alguns casos recorrer aos professores não faz com que *bullying* diminua, pois o professor pode não tomar nenhuma atitude, acarretando na extinção do comportamento de pedir ajuda, ou até punir o comportamento de procurá-lo, dizendo que o alunos já tem idade suficiente para resolver seus problemas com outros colegas sozinho. Além disso, a vítima pode ser vista pelos provocadores como uma pessoa que não sabe se defender sozinha, aumentando ainda mais as chances de sofrer *bullying*.

Lucas, ao ser questionado sobre o motivo pelo qual não procurou ajuda na época, responde: “Eu achei que era algo passageiro, que iria parar, que fosse algo só ali da hora, sabe? Que não era algo que seria constante. É, mais por isso, por achar que era passageiro, mas não foi.”

Uma questão importante surge a partir da fala de Lucas. Talvez o “ignorar” (não reagir) seja a pior recomendação a dar a uma criança. Afinal, se o que reforça o comportamento dos provocadores é o choro, por exemplo, e a vítima pára de chorar e não se mostra mais afetada pelas provocações, teoricamente o comportamento dos provocadores entraria em extinção. A extinção é caracterizada, no início, por uma maior frequência do comportamento (de provocar, no caso), seguido da variabilidade comportamental, ou seja, o provocador vai buscar outras formas de produzir o choro na vítima. Daí a fala tão freqüente nas vítimas de que “ignorar não adianta nada”.

### **Atribuição de causalidade**

Ao serem questionados sobre o que motivava o *bullying* sofrido, tanto F.D. como Lucas atribuíram as provocações às características físicas e psicológicas, tais como magreza, presença de espinhas, jeito de falar devido à língua presa, baixa estatura, timidez e falta de reação às provocações.

Essa questão pode ser explicada pela própria literatura sobre *bullying*, uma vez que Amado & Freire (citado em Freire, Simão e Ferreira, 2006) apontam defeitos físicos das vítimas como uma das motivações para as provocações. Como se as vítimas fossem culpadas por sofrer *bullying* e nada podem fazer quanto a isso. Ambos os participantes têm acesso à literatura sobre *bullying*, e podem ter criado regras sobre o que “causa” o *bullying*. F.D afirma: “O que eu achava é que eu tinha realmente muitos defeitos e por isso que eu era rejeitado.”. Com isso, as próprias vítimas acabam criando auto-regras que as fazem sentirem-se culpadas e merecedoras das provocações, em um movimento de causalidade internalista, pois é difícil que a vítima consiga vislumbrar a complexidade das contingências envolvidas em uma situação de *bullying*.

Outras fontes possíveis de atribuição de causa internalista são a mídia e a cultura. A mídia, com sua busca pela perfeição estética em seus comerciais, *outdoors* e anúncios, faz com que pessoas que não se encaixem nesse perfil se sintam diferentes e culpadas perante as outras, por não serem iguais aos modelos da televisão. Esse fato pode ser exemplificado pela fala de F.: “Eu até me apaixonava por algumas meninas mas também não tinha coragem de me declarar pra elas porque eu me achava muito inferiorizado para isso”. Em outras palavras, F. não se declarava por achar que por ter

determinadas características físicas ou por causa do seu jeito de ser (tímido e recluso) não merecia a atenção das meninas.

Culturalmente, reforçam-se hábitos cotidianos e estilos de vida que buscam essa perfeição estética, como por exemplo, a procura por academias de ginásticas, o aumento de cirurgias plásticas estéticas no Brasil e a quantidade de recursos de beleza disponíveis no mercado.

Uma questão difícil de ser percebida é o foco apenas no problema. Em geral, em situações de *bullying* a análise recai sempre sobre o foco, que são os alunos provocadores, as vítimas e os professores. Hoje as escolas estão começando a se responsabilizar pelo problema, mas ainda não se realiza uma análise a nível macro, das histórias de vida dos envolvidos, dos contextos onde vivem e estudam e da situação familiar atual. Afinal, para se entender e explicar um fenômeno, não basta pôr uma lupa apenas na situação e no local em que ele ocorre, mas sim em todos os fatores que podem contribuir para ele acontecer.

Além do mais, se essas características físicas e comportamentais fossem os principais motivos da prática do *bullying*, todas as pessoas com características semelhantes seriam vítimas, o que não é a realidade. Inclusive F.D. faz um questionamento acerca da relação causal entre sua timidez e o *bullying*:

“Bom, certamente isso era motivo pra eu ter sido alvo de *bullying*, mas não sei se isso foi um meio né, tipo assim, ah, vamos falar mal do F., o que podemos falar mal dele? Ou se era a finalidade em si, e todo tímido deveria sofrer aquilo. Entendeu, não sei se era uma coisa pessoal ou se era por causa daquelas características, e toda pessoa com aquelas características sofreriam isso”.

A dúvida de F. é pertinente e remete à noção de causalidade linear. Ou seja, ele não sabe se era provocado porque possuía determinadas características, ou se era provocado por outros motivos que não sabia, e o foco nas características era apenas um pretexto para a provocação. Quando as verdadeiras causas não são fáceis de serem percebidas, atribui-se à justificativa dos comportamentos a causas internas (ser tímido) ou causas simplistas (ser magro) (Skinner, 1953). Vale a pena retomar a questão da causalidade como círculo vicioso. Afinal, F era tímido, recluso e tinha poucos amigos porque sofria *bullying* ou sofreu *bullying* por ser tímido, recluso e por ter poucos amigos?

Olweus (1993) afirma que as pessoas com as características antes mencionadas pelos participantes (introversão, baixa assertividade, ter poucos amigos, timidez) sinalizam para as outras pessoas que se forem provocadas não irão reagir. O autor faz uma análise funcional, pois a pessoa que já não tem amigos pode ser um estímulo discriminativo (SD) para o comportamento de provocar, já que a ausência de amigos sinaliza ao agressor que não haverá represálias por seu comportamento. Ou seja, sinaliza que o comportamento de *bullying* não será punido. Dessa forma, forma-se um círculo vicioso, como foi dito antes, lembrando que ter sido vítima de *bullying* pode levar a comportamentos de esquiva de situações sociais, com isso fecha-se o círculo de amizades, e então o próprio fato de ter poucos amigos pode se tornar um SD para novas situações de *bullying*.

A visão da Análise Comportamental sobre causalidade leva em consideração a multiplicidade de variáveis que podem influenciar um comportamento, bem como a não-linearidade das causas. Ou seja, um colega que praticava *bullying* em F. poderia ter um modelo em casa, entre seus tios ou seus irmãos, de provocações constantes. Igualmente, as provocações e humilhações pelas quais fazia F. passar poderiam lhe

fornecer reforçadores, como prestígio entre a turma, atenção das testemunhas e admiração e/ou medo por parte dos meninos mais novos, e as características físicas de F. seriam realmente apenas um meio para atingir seu objetivo. Como se pode observar, a não-contigüidade das causas e as múltiplas variáveis das quais o comportamento de provocar pode ser função faz com que explicações lineares do tipo causa-efeito pareçam simplistas e reducionistas.

Lucas relata eventos semelhantes:

“O que dava vontade eles faziam, empurravam, chutavam, me tiravam da fila da cantina. Me tratavam como eles queriam sabe? ...Tudo o que desse na mente deles, onde eles podiam botar defeito eles colocavam sabe? Com relação a mim, o que eu estava vestindo, meu material, qualquer coisa que surgisse e tivesse a possibilidade de colocar defeito eles começavam com críticas negativas. Tudo o que eles podiam eles faziam.”

A partir daí, pode-se inferir que o motivo pelo qual Lucas era provocado também era maior do que as referidas características, já que os colegas colocavam defeito em tudo o que fosse dele, como ele falou, faziam tudo o que podiam com ele.

### **Naturalização do *bullying***

A aceitação do *bullying* se deu de forma diferente em F.D. e em Lucas. Na visão de F.D. parece que as causas internas as quais ele atribui as provocações influenciaram também a sua forma de encarar o fenômeno, como se a culpa fosse dele e não havia nada que ele pudesse fazer quanto a isso, adotando uma postura passiva frente as provocações:

“Na época eu achava isso normal, de eles ficarem me zoando né, era uma coisa normal que em qualquer lugar que eu fosse eu ia encontrar isso. Que o defeito e o problema eram em mim, não neles. ...Eu achava que eu era uma escória para eles. Eu era um cara que ninguém queria ser, eu era cheio de defeitos, que dava motivo pra todo mundo zoar de mim.”.

Um fator que pode contribuir para a postura passiva de F.D. é a atitude dos pais e dos professores. Segundo F.D, os professores e a coordenação não viam nada do que acontecia, mesmo o *bullying* tendo durado quatro anos. Quanto ao período em que F. ficou sem amigos, cada vez mais recluso em casa, e a percepção dos pais, F.D. fala: “Eu acho que percebiam sim, mas achavam que isso fosse natural, que fosse meu jeito de ser mesmo e acho que não se preocupavam tanto com isso não.”. De acordo com a literatura, a atitude de adultos relevantes para o adolescente, como pais e professores, contribuem para amenizar ou agravar os efeitos que o *bullying* pode ter na vida de uma pessoa (Olweus, 2003). Ou seja, se o assunto não for discutido em casa, sendo ignorado ou tratado como se fosse natural, como se fosse “parte da personalidade” do adolescente, este não terá a quem pedir ajuda. Entretanto, se os pais ou professores percebem que há algo diferente no adolescente, o assunto deve ser discutido a fim de que os motivos para tal mudança sejam identificados.

Ao contrário do que aconteceu com F., Lucas não percebeu o *bullying* como um processo natural, mas sim como algo repentino. As causas internas às quais ele atribui as provocações parecem ser apenas uma hipótese para tentar explicar o motivo pelo qual o *bullying* começou. Nas duas entrevistas ele fala repetidas vezes que até hoje não sabe o por quê:

“É estranho, sabe quando você vê que seus amigos de repente, seus próprios amigos viram seus inimigos, tipo, traem sua confiança, sabe? Eu não sei, foi algo que aconteceu de repente. ...Nunca tive nada que me causasse problemas por isso que me estranhou o fato de ter acontecido isso assim de repente, sem motivos, porque eu não via, tentava ver mas não via nenhum motivo por que poderiam estar fazendo isso comigo. ...Eu fiquei muitos anos pensando a respeito disso e não se seria porque eu era o mais baixo da turma, e as pessoas faziam isso né, ou se pela minha falta de reação, que eu era tão quieto que não reagia”.

Os pais de Lucas também tiveram uma postura diferente, perceberam que tinha algo errado com o filho na época em que ele faltou um mês de aula:

“Eu cheguei a contar pra minha mãe que tava...mas não assim profundamente. Falei que eu não gostava, que eu estava tendo uns problemas, mas ela percebeu que tinha algo errado, que deveria ser por um motivo assim que eu não estava muito bem.”

Essa atitude dos pais de terem percebido a mudança no filho pode ter contribuído para que a sua reação tenha sido de perplexidade perante as provocações. Porém, os professores e as testemunhas mantinham uma postura passiva:

“Meninas ficavam na dela, só presenciavam mas não faziam nada, ninguém fazia nada. ...parece que as pessoas foram se distanciando, as vezes também elas testemunhavam mas não faziam nada, as vezes por medo de sofrer...Parece como se todo mundo tivesse se distanciando. ...olhavam como que observando e isso me intrigava porque elas não tinham nenhuma reação sabe?”.

Como se pôde perceber, F. atribui categoricamente o *bullying* sofrido às causas internalistas, como características físicas e modo de reagir. Já Lucas considera as causas internalistas como uma possibilidade, que pode ter contribuído mas que também não eram as únicas causas:

“Isso pode ter contribuído de certa forma mas também não deve ter sido só isso, deve ter sido combinado com outros fatores que devem ter levado a essa atitude deles. Talvez uma nova fase que eles estivessem passando, às vezes problemas que eles estivessem passando em casa”.

Pode-se inferir a partir daí que a aceitação, por parte das vítimas, das características físicas e modo de reagir como reais causas do *bullying* contribui para a postura adotada perante o fenômeno, seja de resignação ou de perplexidade. Afinal, essas causas internalistas estão no próprio indivíduo, não havendo, portanto, nada que ele possa fazer para que a situação mude, contribuindo para uma postura resignada e culpada.

Como foi visto anteriormente na literatura, a atitude passiva das testemunhas (colegas e professores) pode reforçar o comportamento dos agressores de continuar provocando, uma vez que há uma platéia observando o “show”. Geralmente, os pais também não tomam nenhuma providência a respeito, tratando o assunto como algo inevitável que acontece na escola, como se fizesse parte da vida escolar da criança, negligenciando o problema (Freire, Simão & Ferreira, 2006). Nos casos relatados, parece haver uma correlação entre a atitude dos pais e o comportamento privado dos filhos sobre o *bullying*. Os pais de F. não perceberam a mudança de comportamento que o filho teve, logo, F., na época, considerava normal ser provocado, achando que merecia

as provocações. Os pais de Lucas perceberam a mudança de comportamento do filho, logo, Lucas não entende até hoje por que sofreu *bullying*, reagindo privadamente com perplexidade.

A associação acima é apenas uma hipótese, há que se levar em conta que, como o *bullying* sofrido por F. durou mais tempo, a mudança de comportamento não foi de uma hora pra outra, podendo ter sido menos discriminativa para os pais; enquanto a mudança de comportamento de Lucas foi rápida e mais fácil de se perceber, visto que ele ficou um mês seguido sem ir para a aula e contou em parte para seus pais o que estava sofrendo.

### Considerações finais

A partir da fundamentação teórica e da discussão realizada, pôde-se perceber que alguns comportamentos dos entrevistados estão de acordo com a literatura sobre *bullying*, como algumas características, as conseqüências relatadas, a atribuição de causa internalista e a naturalização do fenômeno por parte de F.

Entretanto, ao tentar explicar esses comportamentos, as supostas causas não eram esclarecidas e a explicação se tornava circular pois não saía do lugar, uma vez que a tendência é considerar como causa do *bullying* determinadas características associadas às vítimas. Já a Análise do Comportamento tem uma visão baseada na causalidade mútua e, com isso, questiona algumas correlações entre variáveis, tais como: as características físicas eram um meio para as provocações ou o próprio motivo? Não possuir amigos era um estímulo discriminativo para os provocadores ou a conseqüência do *bullying*? Permanecer em casa e não realizar atividades desejadas eram conseqüências do *bullying* ou comportamentos que podem ter agravado a situação de isolamento?

As questões acima remetem à visão crítica da Análise do Comportamento, uma vez que a referida abordagem não acredita na visão determinista da literatura sobre *bullying*, que categoriza os comportamentos apenas descrevendo-os e classificando-os. Com base nessa abordagem, que explica as relações entre as variáveis analisando funcionalmente cada comportamento, o presente trabalho contribuiu para a literatura sobre o tema ao adotar uma perspectiva crítica de análise do fenômeno a partir dos discursos das vítimas. A pesquisa qualitativa possibilitou tirar o foco do indivíduo/vítima como possível agente causador das provocações e investigar outras variáveis que podem ter influenciado o *bullying*; além do aprofundamento do tema, ao

valorizar a fala dos entrevistados ao invés de considerá-los como meros números de um questionário.

Pode-se dizer que as limitações desse estudo foram a quantidade de entrevistas com cada participante, que poderia ter sido maior para obtenção de mais dados, e a falta de preparo da autora nas entrevistas, fazendo mais perguntas fechadas do que o necessário e não se aprofundando em assuntos que poderiam conter informações relevantes para o trabalho.

Para um próximo estudo sobre o tema, sugere-se realizar entrevistas não apenas com as vítimas de *bullying*, mas também com os pais, com os agressores e com as testemunhas, a fim de se ter uma visão mais ampla do fenômeno e das contingências que o influenciam.

### Referências Bibliográficas

Antunes, D. C., & Zuin, A. A. S. (2008). Do bullying ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicologia & Sociedade*, 20, 33-41.

Baum, W. M. (1999). *Compreender o Behaviorismo: Ciência, comportamento e cultura*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Caliman, G. (2006). Estudantes em situação de risco e prevenção. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 14.

Carvalhosa, S. F., Lima, L., & Matos, M. G. (2001). Bullying – A provocação/vitimação entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, 4, 523-537.

Chiesa, M. (2006). *Behaviorismo Radical: A Filosofia e a Ciência*. Brasília: Cealeiro.

Egan, S. K. & Perry, D. G. (1998). Does low self-regard invite victimization? Citado em Martins, M.J.D. (2005). Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar: Um estudo empírico. *Análise Psicológica*, 4, 401-425.

Flick, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman.

Freire, I. P., Simão, A. M. V., & Ferreira, A. S. (2006). O estudo da violência entre pares no 3º ciclo do ensino básico – um questionário aferido para a população escolar portuguesa. *Revista Portuguesa de Educação*, 19, 157-183.

- Hawkins, R.P. (1986). Selection of target behaviors. Citado em Neno, S. (2003).  
Análise funcional: definição e aplicação na terapia analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5, 151-165.
- Kaltiala-Heino, R., Rimpela, M., Marttunen, M., Rimpela, A., & Rantanen, P. (1999).  
*BMJ*, 319, 348-351.
- Lopes Neto, A. A. (2005). Bullying – Comportamento agressivo entre estudantes.  
*Jornal de Pediatria*, 81, 164-172.
- Martins, M.J.D. (2005). Agressão e vitimação entre adolescentes, em contexto escolar:  
Um estudo empírico. *Análise Psicológica*, 4, 401-425.
- Neno, S. (2003). Análise funcional: definição e aplicação na terapia analítico-  
comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5, 151-  
165.
- Olweus, D. (1993). *Bullying at school: what we know and what we can do*. Oxford:  
Blackwell.
- Olweus, D. (2003). A Profile of Bullying at School. *Educational Leadership*, 60, 12-20.
- Seixas, S. R. (2005). Violência escolar: Metodologias de identificação dos alunos  
agressores e/ou vítimas. *Análise Psicológica*, 2, 97-110.
- Skinner, B.F. (1953). *Ciência e comportamento humano*. São Paulo: Martins Fontes.
- Skinner, B.F. (1974). *Sobre o Behaviorismo*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Skinner, B. F. (1981). Seleção por conseqüências. *Science*, 213, 501-504.

Solberg, M. E. & Olweus, D. (2003). Prevalence Estimation of School Bullying with the Olweus Bully/Victim Questionnaire. *Aggressive Behavior*, 29, 239-268.

Solberg, M. E, Olweus, D., & Endresen, I.M. (2007). Bullies and victims at school: Are they the same pupils? *British Journal of Educational Psychology*, 77, 441-464.

Sturmey, P. S. (1996). Functional Analysis in Clinical Psychology. Citado em Neno, S. (2003). Análise funcional: definição e aplicação na terapia analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 5, 151-165.

Trautmann, A. (2008). Maltrato entre pares o “bullying”. Uma visión actual. *Revista Chilena de pediatria*, 79, 13-20.

Vandenberghe, L. (2002). A prática e as implicações da análise funcional. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 4, 35-45.

# **ANEXOS**

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**Nome da Pesquisa:** Relatos de vítimas de *bullying*: Uma análise sob a ótica da Análise do Comportamento.

**Pesquisadora:** Letícia Borges dos Santos

**Orientadora:** Prof. Dra. Eileen Pfeiffer Flores

Brasília, 30 de julho de 2009

Senhor(a) \_\_\_\_\_

Estou realizando uma pesquisa para fins acadêmicos no Centro Universitário de Brasília e gostaria de convidá-lo (a) para participar da pesquisa para elaboração da monografia a ser apresentada ao Centro Universitário de Brasília.

O objetivo desse trabalho é identificar e compreender os efeitos do *bullying* na vida de um indivíduo que foi vítima de tal fenômeno. Pretendemos, a partir dessa pesquisa, analisar como a vida desse indivíduo foi afetada por ele ter sofrido *bullying*.

A orientadora desse estudo é a Professora Doutora Eileen Pfeiffer Flores, professora titular da Graduação de Psicologia do Centro Universitário de Brasília.

Informo que sua participação será totalmente voluntária e que o Sr(a) não será obrigado a fornecer informações que não queira, podendo desistir de participar dessa pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Após essa pesquisa apresentarei à banca de monografia o documento final para aprovação do curso de Psicologia do Centro Universitário de Brasília, sendo que todas as informações que possam identificá-lo (a) serão omitidas.

Para que eu possa realizar esse trabalho, preciso do seu consentimento de participação nessa pesquisa.

Caso haja dúvidas, estou à disposição do senhor(a) pelo telefone: (61) 8134 7406; email: [leticia\\_b\\_santos@yahoo.com.br](mailto:leticia_b_santos@yahoo.com.br) . Quaisquer reclamações o (a) senhor(a) deverá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa pelo telefone: (61) 3966-1511.

DESDE JÁ AGRADEÇO A COLABORAÇÃO

Atenciosamente,

---

Eileen Pfeiffer Flores ([eileenflores@brturbo.com.br](mailto:eileenflores@brturbo.com.br))

Pesquisadora Responsável

---

Letícia Borges dos Santos

Pesquisadora

---

Assinatura do participante

Entrevista 1 com F. D.

L – F. Me conta um pouco como foi a sua infância na escola.

F – Bom, eu diria que até uns nove, dez anos de idade foi super tranqüila. Foi uma infância normal, com convivência normal com os colegas, com professores, com tudo. Aquelas coisas de criança mesmo.

L – Você estudava aonde?

F – Até os nove anos eu estudei até a terceira série em uma escola pública, onde inclusive a minha mãe dava aula. E lá eu tive experiências muito boas e tudo mais, aí aos dez anos eu fui pra uma escola particular.

L – E você foi pra qual série lá?

F – Eu fui pra quarta série. Passei a quarta série numa escola particular. E aí foi onde eu estudei o resto do primeiro grau e o segundo grau. E é basicamente isso. Aí é já num ambiente mais diferente né, crianças com um pouco mais de posse né, com uma condição financeira melhor do que a anterior.

L – E como é que foi essa escola?

F – A mudança?

L – É. A mudança também. Você queria mudar?

F – Queria, porque eu sabia que a escola seria melhor né, essa escola particular, inclusive ela é a melhor escola da cidade. E eu fui muito satisfeito, eu lembro que eu até

pedi pros meus pais pra ir logo, porque o combinado era ir somente na quinta série. E aí eles anteciparam e me colocaram já na quarta série na escola.

L – Aham. Tinha mais algum motivo pra mudança além de você saber que a escola era melhor?

F – Não, não, basicamente esse era o principal e talvez único motivo. Meus pais queriam dar uma condição melhor de estudos pra mim, então tanto comigo como meus irmãos foram a mesma coisa. Eles começaram também nos primeiros anos na escola pública, que era ali próxima de casa inclusive, e logo depois na quarta série todos nos fomos pra essa escola.

L – Você tem quantos irmãos?

F – Eu tenho dois.

L – Você é o caçula?

F – Eu sou o do meio.

L – E o seu irmão mais velho já tinha ido então pra escola?

F – Já, já estava lá.

L – E o quê que o seu irmão falava da escola?

F – Ah, não me lembro muito bem. Mas faz tempo né.

L – É. Qual é a diferença de idade?

F – De quatro anos de mim pra ele. Mas não lembro, acho que não falou nada que tenha chamado atenção, senão talvez eu me lembrasse. E aí foi isso, comecei a quarta série, e com relação ao *bullying* até aí, acho que não sofri nenhum ataque de *bullying*.

L – E como é que foi na quarta série lá?

F – Foi bem tranquilo também. Na verdade foi fácil a escola, eu tive uma interação boa com os meus coleguinhas. Mas aí eu já começava a reparar alguns, digamos, preconceitos né, aquelas zombarias, essas coisas, por um motivo. Porque na minha escola anterior a gente ia só até a quarta série. Nessa não, já tinha alunos mais velhos, porque ia até o final do segundo grau. Aí eu me recordo que ali eu comecei a sofrer as primeiras zombarias, brincadeiras de colegas mais velhos.

L – Na quarta série?

F – Na quarta série.

L – E como é que era, como é que começou?

F – Ah eu lembro de poucos episódios. Na saída da escola vinha uns meninos mais velhos me zoando porque eu era muito magro, eu sempre fui uma criança muito magrinha.

L – Eu também.

F – Hehe. Pois é, aí eles me zoavam por causa dessa minha condição, mas foram poucos episódios.

L – Mas meninos tipo assim, da quinta, sexta série?

F – É, quinta, sexta série, meninos mais velhos.

L – E como é que você reagia?

F – Bom eu era muito criança muito tímida, fazia nada. Apenas assistia e seguia meu caminho.

L – E como é que você se sentia?

F – Eu lembro que até aí eu não me importava muito com isso não. Eu lembro que eu até contava para os meus pais como se fosse uma coisa até curiosa que tive acontecido. Mas era “ah tava no ponto de ônibus aí fulano de tal veio e falou isso, isso e isso pra mim, e não sei o que”. Mas até aí eu não me importava muito não. Aí no decorrer, a partir da quinta, sexta série o *bullying* foi aumentando.

L – Como?

F – Aí foi de todas as brincadeiras imagináveis. Tanto pela minha condição física, por eu ser magro, aí foram começando a aparecer as minhas espinhas, e eles começaram a me zoar por causa disso... E principalmente porque eu era tímido, esse talvez fosse o principal motivo, porque eu ouvia tudo ali e não reagia.

L – E quem ficava zombando de você?

F – Aí a partir daí começaram a me zoar os meus próprios colegas de turma. Aí a partir desse momento eu era mais vítima dos meus próprios colegas.

L – A partir de que série?

F – A partir da quinta, mais pra sexta série, quando eu já tinha uns doze anos, por aí. Aí isso eu acho que foi até o primeiro ano do segundo grau basicamente.

L – E sempre pelos seus colegas?

F – Sempre os meus colegas, os meus colegas mais próximos.

L – E você continuava andando com eles:? Como é que ficou essa relação?

F – Pois é, aí aos poucos eu fui me retraindo cada vez mais. Passei a ter poucos amigos, eu meio que evitava esses colegas, então fui ficando cada vez mais isolado, me auto-isolando né.

L – Você ficava mais sozinho ou procurava outros colegas?

F – Então, procurava outros colegas que sofriam da mesma coisa. Talvez por segurança né, por saber que eles não iam fazer o mesmo comigo, procurava a companhia desses colegas. Aí o que acontecia era que vez ou outra nós éramos vítimas coletivas de *bullying*.

L – E isso se dava aonde?

F – Dentro da escola. Dentro de sala de aula, no recreio, na saída.

L – Você pode relatar um episódio, um exemplo?

F – Ah eu lembro uma vez que eu tava lá, e o colega começou a tacar bolinha de papel e pedaço de borracha em mim, aí como eu não reagi, continuou jogando. De repente tava a turma toda jogando em mim e eu não fazia nada. E eram meninos mais fortes, se eu brigasse com eles certamente eu seria vítima de agressão física.

L – E já teve alguma agressão física?

F – Contra mim não, nunca chegou a ter porque eu nunca bati de frente com ninguém.

L – Você chegou a procurar a direção da escola?

F – Não, nunca procurei.

L – E os professores viam?

F – Não, ninguém via, nem professores, nem os pais.

L – Mas você chegou a falar com os seus pais?

F – Não falei com eles também, porque eu tinha vergonha. Pra mim seria como se fosse um sinal de fraqueza dizer que eu sofria isso.

L – E como é que era sua relação fora da escola, com os seus amigos?

F – Com os meu amigos aí era normal, com os meus amigos da rua era normal, não sofria tanto como eu sofria na escola.

L – Aham. Mas com os seus amigos da escola, você saía com eles?

F – Não, nessa época, até essa época aí não. Um ou outro que era mais próximo eu ainda tinha alguma relação fora da escola, mas fora isso...

L – E você chegou a comentar com um desses amigos da escola que você não gostava?

F – Também não, não podia falar isso porque se eu chegasse pra um colega e falasse “olha não to gostando do seu comportamento”, isso seria mais um sinal de fraqueza. Imediatamente ele ia começar a rir de mim e ia me zoar mais ainda.

L – E era mais menino ou menina?

F – Era sempre meninos.

L – E como é que era essa relação com as meninas?

F – Como eu também era muito tímido né, quase não me relacionava com as meninas. Não tinha muito contato com elas não. De amizade assim só com meninos mesmo.

L – E aí você falou que foi até o primeiro ano né...

F – Foi, foi até o primeiro ano.

L – E o quê que aconteceu depois?

F – Aí depois eu meio que mudei de turma, os colegas com quem eu estudava...mudou né, aí entraram outras pessoas na minha turma. Aí de repente, de uma hora pra outra eu comecei a ser mais respeitado por esses colegas. Aí acho que daí em diante nunca mais fui vítima de *bullying*.

L – E como é que ficou essa relação com os seus colegas?

F – Com os novos?

L – Com os novos e com os velhos.

F – Com os velhos praticamente perdi o contato né, e acho que a maioria deles ou mudou de escola ou foi reprovado ou começou a andar com outras turmas. Então praticamente não tive mais contato nenhum com meus colegas anteriores que zombavam de mim. Um dado também que pode ser interessante, é que da mesma forma que eu sofria esse *bullying*, essa perseguição, eu também fazia isso contra os colegas que eram, digamos, mais fracos do que eu.

L – Como? Quanto anos você tinha quando você começou a praticar *bullying*?

F – Olha acho que na oitava série, por aí. Na oitava série. Eu lembro que eu tinha um colega que eu sempre andei com ele, e eu acho que ele tinha até um problema mental, era um pouco mais atrasado. E aí os outros colegas zoavam ele o tempo todo também.

L – E do quê que eles chamavam esse colega?

F – Ah um monte de apelido depreciativo mesmo, tipo de criança mesmo. Agora não me vem à cabeça, mas tipo, chamavam ele de gordinho, por ele ser gordo. Mas tinham apelidos que eram principalmente pelo fato de ele ser mais, digamos, atrasado que os outros. Eu lembro que eu comecei também a zoar dele, talvez pra tentar me enturmar com meus outros colegas.

L – E como é que você zoava dele?

F – Com as mesmas brincadeiras que os outros faziam, as mesmas coisas.

L – E como é que ele reagia quando você zoava ele?

F – Reagia da mesma maneira que eu reagia com os outros, só olhava assim e no fundo provavelmente ele se magoava.

L – Mas e aí? O quê que aconteceu quando você começou a zombar desse colega?

F – Aí a gente foi se afastando. Foi se afastando, aí eu me recordo que um dia a coordenadora pedagógica me chamou pra conversar com ela e disse que esse meu colega já tava numa tal situação que se abriu com os pais, disse que não queria mais ir pra escola, que todo mundo zombava dele, inclusive eu que era o melhor amigo dele, nas palavras dele. Aí ela me disse que ele tomava remédios, perguntou o quê que tava acontecendo, por quê que eu fazia isso.

L – E o quê que você respondeu?

F – Aí eu meio que fiquei tentando negar que eu praticava isso contra ele também. E eu dizia “não, não era isso”, porque eu tinha medo de ser punido. Aí ficou nisso, ela me explicou que ele tomava remédio, tava numa situação psicológica difícil, que ele precisava muito dos amigos dele e tudo mais, que eu não devia fazer o que eu fazia com ele.

L – E como é que você se sentiu?

F – Aí eu me senti mal, que aí eu vi como e que ele tava se sentindo por causa dessa situação toda. Engraçado que eu meio que tentava me diferenciar dele, então acho que eu queria acreditar que eu não queria fazer parte do “grupo dele”, que eu fosse igual a ele. Acho que é por isso que eu participava da zombaria também junto com os colegas.

L – E isso te aproximava dos seus colegas?

F – Não, enquanto fosse pra zoar do colega aí sim a gente estava unidos no mesmo objetivo, mas tão logo isso cessava eu era vítima das mesmas humilhações.

L – E você chegou a praticar *bullying* contra mais outra pessoa?

F – Que eu me lembre não. Talvez esporadicamente né, contra um ou outro colega mas sistematicamente não.

L – E o quê que aconteceu com esse colega?

F – Aí os pais mudaram ele de escola, pois chegou a um tal ponto que tiraram ele da escola.

L – F. me conta um pouco da sua essa relação em casa com seus irmãos, com seus pais durante esse período?

F - Durante esse período? Normal, normal acho que nada que a escola afetasse.

L – O que é normal?

F – Não, eu sempre fui uma criança muito calma, muito tranqüila, então não arranjava problema nem com meus pais, com meus irmãos, também sempre tive uma boa relação com eles.

L – E seu irmão mais novo, qual é a diferença de idade?

F – De um ano. Sou um ano mais velho que ele.

L – E você fazia coisas junto com seu irmão mais velho e mais novo, tipo vocês saíam juntos?

F – Na escola não, porque a gente tinha horários diferentes, então a gente não se encontrava muito lá. E fora sim, como irmãos mesmo, a gente fazia coisas fora.

L – E como é que foi a educação que seus pais deram pra você?

F – Em relação a que?

L – Por exemplo, se era muito rígida...

F – Não, não era rígida. Meus pais sempre foram bem liberais comigo.

L – E com seus irmãos?

F – Também, com todos nós. Principalmente comigo, como eu era a criança que dava menos trabalho eles não me vigiavam tanto. Então eram bem tranquilos assim.

L – E você com seus irmãos, você acha que eles são parecidos com você?

F – Não, não são não. São um pouco diferentes.

L – Quais são as diferenças entre você e seu irmão mais velho?

F – Meu irmão mais velho sempre foi bem mais sociável do que eu, acho que essa é a principal diferença, sempre foi mais sociável, sempre teve um relacionamento melhor com os amigos e colegas do que eu. Era muito mais retraído.

L – E o seu irmão mais novo?

F – Meu irmão mais novo já é bem mais genioso, bem mais briguento, de arranjar confusão na escola, essas coisas, essa era nossa diferença.

L – Mas por que ele arranjava confusão?

F – Era o jeito dele, de repente ele brigava com os coleguinhas. Então ele era mais genioso né.

L – E qual ponto em comum você e seu irmão mais velho tem?

F – Ponto em comum...talvez o fato de a gente ser inteligente. Acho que é basicamente isso, na verdade a gente tem muitos gostos parecidos, de música, de interesses, bastante coisa.

L – E o ponto em comum entre você e o seu irmão mais novo?

F – Ah nós somos bem mais diferentes, mas também a gente tem bastante interesses em comum, o que muda mais é o comportamento mesmo.

L – E fisicamente, vocês três são parecidos?

F – Fisicamente não, eu sempre fui mais alto e mais magro que eles. Sou um pouco diferente deles.

L – E qual era o seu *hobby*, o que você fazia pra se divertir nessa fase?

F – Olha nessa fase como eu ia cada vez mais me retraindo socialmente, meus principais *hobbies* eram a leitura, eu gostava muito de ler.

L – Que tipo de livro você lia?

F – Ah eu era meio metido a intelectual naquela época. Então com 13, 14 anos eu já lia livro de literatura, o que seria leitura de adulto né.

L – Que tipo de livro?

F – Ah tipo literatura brasileira, quando eu tinha 13 anos eu li aquele “A insustentável leveza do ser”, e é um negócio que hoje nem adulto lê, tem que ter muita paciência pra ler hoje em dia. Mas digamos que eu gostava de interesses um pouco mais avançados pra minha idade. Gostava muito de futebol, embora não praticasse esportes.

L – Pra que time você torce?

F – Flamenguista logicamente.

L – E você saía com seus amigos?

F – Aí houve um período que eu fiquei cada vez mais retraído dentro de casa sem sair, fazendo poucas coisas, saindo pouco com os amigos. Na verdade chegou uma época aí, entre os 14 e 15 anos que praticamente eu não tinha mais amigo nenhum, que eu fiquei cada vez mais isolado.

L – E ninguém percebia, seus pais, seus irmãos?

F – Eu acho que percebiam sim, mas achavam que isso fosse natural, que fosse do meu jeito de ser mesmo, e acho que não se preocupavam tanto com isso não.

L – E o seu irmão mais novo estudava na mesma escola né?

F – Mesma escola.

L – E ele via alguma coisa?

F – Não, não, porque a gente tinha horários diferentes, turnos diferentes então a gente não convivia muito na escola, porque era uma escola muito grande.

L – Você não sabe então se algum dos seus irmãos sofreu *bullying*?

F – Não, acho que eles não sofreram muito não, que eu saiba não. Foi mais eu mesmo que sofria disso.

L – Como é que era seu rendimento na escola?

F – Era bom, muito bom, sempre fui um dos melhores alunos. Em boa parte das matérias eu me destacava bastante.

L – Qual matéria você mais gostava?

F – Sempre foi história e geografia, sempre fui mais de humanas.

L – Você gostava de estudar em casa?

F – Também, embora eu não gostasse de estudar em casa. Como eu era bom aluno só o que eu ouvia na escola já era suficiente.

L – E quando você parou de sofrer *bullying*, como ficou sua vida social?

F - Aí comecei a sair bastante com meus amigos, porque aí comecei a adquirir confiança, então comecei a eu sair, voltava de carro em casa de madrugada, essas coisas de adolescente.

L – E pra onde vocês saíam?

F – Ah pra casa deles, aí eu comecei a beber uma época também, isso com 16 anos. Foi uma mudança radical, até os 15 anos eu era totalmente retraído.

L – Você não bebia antes?

F – Não bebia, mas aí eu conheci alguns amigos, grandes amigos até hoje.

L – No segundo ano?

F – Nessa virada, é, no segundo ano, quando eu tinha 16 anos. Aí eu comecei a sair com eles, conhecer novos amigos, novas pessoas, a me socializar melhor. Foi até uma guinada na minha vida. Comecei a ir pra bares, uma ou outra boate.

L – E como é que ficou a sua timidez?

F – Minha timidez eu acho que sempre existiu, acho que eu sou tímido até hoje. Mas entre os meus amigos aí não, aí eu podia reparar que eu era até admirado por eles, uma admiração por parte deles.

L – Admiração em que sentido?

F – Assim pelo meu estilo, pela minha inteligência. Do jeito que eu falo parece até que eu sou convencido, mas eles falavam isso, “nossa você conhece tanta coisa, você tem umas tiradas tão sarcásticas”. Aquelas coisas que talvez para adolescente não fosse tão natural.

L – E o seu rendimento continuou bom na escola?

F – Não, aí caiu um pouquinho, aí eu tirei minha primeira nota vermelha.

L – E como é que você ficou quando você tirou sua primeira nota vermelha?

F – Aí como eu já tava naquela fase de me rebelar, de me libertar, eu lembro que recebi a nota ate com um certo orgulho, aí eu falei “oh, olha aqui, tirei uma nota vermelha”.

L – E os seus amigos, como é que era o rendimento deles?

F – Era um rendimento mediano.

L – Mas eles tiravam notas vermelhas também?

F – Também, tiravam bastante notas vermelhas.

L – E eles também ficavam zoando com isso?

F – Não, não zoavam porque como eles ficavam preocupados com isso não era nenhum milagre tirar nota vermelha. O meu principalmente foi uma glória maior porque eu tirei nota vermelha num bimestre né, aí no bimestre seguinte eu tirei a maior nota do colégio, eu nunca tirei a nota máxima em Física. Aí o professor ficou todo bobo comigo, aí eu fiquei mais bobo ainda, porque eu tirei nota vermelha mas mostrei que tinha condições de fazer o que eu queria.

L – Mas e os seus pais perceberam essa mudança?

F – Perceberam. A mudança social né, não no rendimento da escola. Mas viram como uma coisa positiva, até mesmo porque eu escondia as coisas ruins né.

L – E o que eram as coisas ruins?

F – De beber, às vezes aprontava com meus amigos, essas coisas de adolescente mesmo, de pegar o carro sem carteira com eles, sair dando fechada em todo mundo no trânsito, essas bobagens de adolescente.

L – E aí você se formou com eles, né?

F – Eu me formei no terceiro ano com eles, e convivi com eles uns dois, dois anos e meio diariamente.

L – E depois que você se formou, você fez o quê?

F – Aí eu fiz vestibular pra cá e pro Rio de Janeiro. Eu passei nos dois mas dei preferencia aqui pra Brasília.

L – Aham. Porque você queria ser diplomata já?

F – Porque eu já queria ser diplomata.

L – E quando é que você tomou essa decisão?

F – Tomei quando eu tava no segundo ano também, porque eu achei o nome bonito né, ah vou fazer relações internacionais, porque na época só tinha esse curso aqui em Brasília

L – E no Rio você fez vestibular pra quê?

F – No Rio eu fiz pra direito na UFRJ. E aí passei tanto lá quanto aqui mas o que eu queria mesmo era vir pra cá, porque eu queria um negócio de destaque mesmo.

L – E o que aconteceu com esses seus amigos?

F – Aí cada um foi pra um canto né. Assim, a gente mantém contato até hoje, somos grandes amigos até hoje. Mas uns foram pra São Paulo, outros foram pro Rio, alguns permaneceram lá na cidade, cada um seguiu sua vida.

L – E na faculdade, como é que foi?

F – Na faculdade foi normal, natural. Talvez no começo eu tenha demorado um pouco pra me adaptar aqui em Brasília.

L – Como é que foi essa adaptação?

F – No começo foi difícil porque eu vim pra cá e eu só tinha uma tia, com quem eu morei nos primeiros meses. E aí como eu sou muito tímido demorei pra me enturmar com meus colegas da faculdade, mas não que eu sofresse *bullying* por parte deles. Mas eu demorei a me enturmar, me socializar com eles, acho que o primeiro ano foi assim, foi difícil. Aí depois eu fiz logo o meu círculo de amizades também, aí me adaptei aqui em Brasília.

L – Ok, obrigada F.

ENTREVISTA 2 COM F.D

L – F. o que você achou do mapa conceitual?

F – Basicamente é aquilo. Acho que você fez muito bem sobre o que eu disse.

L – Você disse que queria acrescentar alguma coisa...

F – Ah sim, um dos motivos pelo qual eu sofria o *bullying* também era o meu jeito de falar.

L – Como assim seu jeito de falar?

F – Um pouco dessa língua presa que eu tenho né, de puxar o r e o l também era um motivo pra eu ser caçoado de todo mundo.

L – E quando isso começou?

F – No mesmo período também.

L – Da sexta série ao primeiro ano como você acha que era visto pelos seus colegas?

F – A visão que eu achava que tinham?

L – É.

F – Bom, eu achava que eu era uma escória pra eles. Eu era um cara que ninguém queria ser, eu era cheio de defeitos, que dava motivo pra todo mundo zoar de mim.

L – E esses defeitos são esses que você mencionou? Timidez...

F – Isso. Timidez, minha aparência física, meu jeito de falar...

L – E o que mudou depois do primeiro ano?

F – Eu acho que o que mudou foram basicamente duas coisas. Primeiro que eu mudei de turma né, comecei a andar com outras pessoas que me respeitaram mais e me consideravam mais. E segundo eu acho que a própria maturidade dos meus colegas, minha e dos meus colegas. Eu fui começando a ficar um pouco menos tímido né, e acho que as pessoas em volta eram mais maduras né, já tinham uma idade maior e tudo mais.

E acho que foram os principais dois fatores, porque mudança mesmo desses meus fatores que causavam *bullying* acho que houve muito poucas mudanças.

L – E bom, você falou que você era bom aluno, né?

F – Sim.

L – E como é que você acha que os bons alunos eram vistos lá na sua escola?

F – Os bons alunos?

L – Sim.

F – N verdade eu acho que isso causava um pouco de inveja neles também. Acho que como eles viam que eu me destacava nos estudos, pode ser que aí eles ficassem um pouco mais ressentidos e aí descontavam em outras áreas. Isso é o que eu penso hoje em dia, o que eu vejo hoje em dia, mas na época eu não pensava isso.

L – O que você pensava na época?

F – Na época eu achava que isso era uma coisa normal, de eles ficarem me zoando né, era uma coisa normal que em qualquer lugar que eu fosse eu ia encontrar isso. Que o defeito e o problema era em mim, não neles.

L – Quem que te fazia pensar dessa forma?

F – Na verdade eu acho que toda a situação em si, de achar que aquilo acontecia comigo e aconteceria com qualquer pessoa que tivesse as mesmas características que as minhas. Da mesma forma que acontecia com outros colegas que também sofriam disso.

L – F., uma coisa interessante que você falou na primeira entrevista foi quando você tirou sua primeira nota vermelha e que foi motivo de orgulho. O que aquela nota vermelha significou pra você naquela época?

F – Olha, eu acho, analisando hoje, eu acho que tirando essa nota vermelha eu estava me achando mais próximo daquele grupo, das pessoas que estavam à minha volta, como se eu me sentisse parte deles. Coisa de adolescente. Eu acho que basicamente foi isso.

L – F. me fale um pouco sobre a sua infância fora da escola.

F – Olha, fora da escola eu não tinha muitas amizades não. Até essa época eu não conhecia muitos colegas de rua, por exemplo, do bairro, e eu acho que eu fui cada vez mais me retraindo por causa dessa situação, então eu acabei não tendo muitas amizades fora da escola.

L – A quê que você atribui o fato de o *bullying* ter ocorrido na escola particular e não na escola pública?

F – Na verdade eu acho que não é o fato de ela ser particular ou pública, mas eu acho que foi a faixa etária que eu tinha na escola pública, e depois, conforme eu fui passando da infância para a adolescência, senti que isso foi aumentando, o *bullying*. Acho que só por isso.

L – E você vê alguma diferença dos alunos da escola pública e da escola particular?

F – Diferenças... Olha, eu creio que não, talvez de tratamento, já que na escola pública minha mãe era minha professora, eu tinha um nível sócio-econômico um pouco superior à maior parte dos meus colegas.

L – Como é que era pra você sua mãe ser professora lá?

F – Na verdade como eu era muito criança naquela época não influía muito não. Pelo menos eu acho que nunca me perturbei com isso nem nunca deixei me levar por causa disso. Acho que é isso.

L – F. me fala um pouco sobre o seu gosto pela leitura, como é que começou?

F – Na verdade desde criança eu sempre gostei de ler, minha mãe sempre me estimulou muito a ler livros, livros de infância. Com todos os meus irmãos é a mesma coisa, então acho que foi mais de criação mesmo.

L – E os seu coleguinhas liam também?

F – Não, não tinham o hábito não.

L – Eles não compartilhavam o mesmo gosto?

F – Não, não compartilhavam. Na verdade eles achavam até estranho quando viam que eu tinha esse gosto.

L – Você tinha algum sonho quando era criança, uma coisa que você gostaria de realizar?

F – Sonho? Deixa eu lembrar...Olha nessa época que eu sofri o *bullying* eu não consigo me lembrar não. É, eu queria ser alguém importante na vida, aquelas coisas toda que toda criança tem, de depois quando eu crescesse me tornasse superior.

L – Quando é que você decidiu que você queria seguir essa carreira?

F – Eu tinha 16 anos, 16 para 17, aí já era uma época que eu não sofria de *bullying*.

L – E antes disso? Você tinha alguma profissão em mente?

F – Pois é, não tinha. Nunca tive um sonho assim, tipo “ah quero ser médico, quero ser advogado”. Na verdade eu só decidi isso depois, já quase no pré-vestibular, porque eu achei o nome do meu curso, relações internacionais, um nome bonito, e aí queria fazer alguma coisa de destaque, que era um curso que ninguém fazia na minha cidade. Então eu acabei seguindo isso.

L – Até que ponto você acha que a timidez, o porte físico e até seu modo de falar influíram pra você ter sido alvo de *bullying*?

F – Olha, eu não sei, como que eu posso me expressar, bom certamente isso era motivo né, pra eu ter sido alvo de *bullying*, mas não sei se isso foi um meio né, tipo assim, “ah vamos falar mal do F., o que podemos falar mal dele?”, ou se era a finalidade em si, e todo tímido deveria sofrer aquilo. Entendeu, não sei se era uma coisa pessoal contra mim, ou se era por causa daquelas características, e toda pessoa com aquelas características sofreriam isso. Hoje eu penso isso, na época eu achava normal isso, que eu era daquele jeito e assim teria que ser.

L - E você conhecia a família de alguma dessas pessoas que praticavam *bullying* contra você?

F - Não, não conhecia a família de nenhum colega não. Só às vezes de relance né, de ver o pai ou a mãe de alguém, mas não tinha contato com a família de ninguém.

L - Aham. Você tinha um grupo em comum? Tipo de guitarra, de banda...

F - Não, eu era bem isolado mesmo, eu era bem recluso, nunca participei muito desses grupos.

L - Na primeira entrevista você disse que não contava nada pros seus pais ou pros seus amigos não falava nada porque tinha vergonha, relatava uma fraqueza. O que mais você deixava de fazer por vergonha?

F - Olha, eu acho isso que você acabou de me perguntar. Eu acho que eu deixava de procurar, de participar de algum grupo, de fazer alguma atividade justamente com receio de ser hostilizado nesse grupo. Eu acho que eu deixei de fazer muita coisa na adolescência por causa disso, do *bullying*.

L - E o quê mais você deixou de fazer?

F - Bom, eu acho que eu deixei de conhecer muitas pessoas, talvez pessoas que hoje seriam meus amigos, por causa disso, porque eu evitava contato com colegas da minha idade. Eu acho que são coisas que podem ter feito uma violência grande, né? O que me vem à cabeça é basicamente isso. Talvez eu tenha deixado de aprender algumas coisas por causa disso. Por exemplo, eu sempre quis aprender um instrumento musical, mas como eu fui me retraindo e ficando cada vez mais recluso, acabei não me interessando por essas atividades.

L - Durante as provocações você não reagia, mas como é que você se sentia? O que você pensava na hora?

F – Na hora? Olha, na hora eu ficava com muita raiva, era uma mistura de raiva com tristeza. Raiva contra o coleguinha que tava fazendo isso e tristeza por eu estar passando por aquilo e não reagindo, aceitando aquilo passivamente. Também uma frustração por não estar reagindo.

L – E como é que foi a época mais ou menos com 14, 15 anos em que você disse não ter tido nenhum amigo?

F – Como foi em que sentido?

L – O que você fazia?

F – Na verdade eu ia da escola pra casa e da casa pra escola. A única vida social que eu tinha era quando eu estava com a minha família, quando saía com minha família ou fazia alguma coisa com eles. Acho que esse foi um período bem limitado porque eu deixei de interagir com muitas pessoas e de aprender muitas coisas por causa disso.

L – E como é que era pra você quando via os seus irmãos saindo com os amigos deles?

F – É, eu via e me perguntava por quê que eu não era assim, por que eu era desse jeito...

L – E você chegava a alguma conclusão?

F – Não. O que eu achava é que eu tinha realmente muitos defeitos e por isso que eu era rejeitado, acho que essa é basicamente a minha conclusão.

L – E depois quando você teve amigos, você fala que eles sentiam uma certa admiração por você. E o que você sentia com essa admiração por parte deles?

F – Ah foi uma época que eu estive muito satisfeito comigo mesmo né, que eu achava que finalmente os meus valores estavam sendo reconhecidos pelos meus colegas da minha idade, não só pela minha família mas também por colegas, por pessoas iguais a mim. E aí minha auto-estima melhorou, foi um período bem legal.

L – Bom, voltando um pouco à sua infância. Você lembra como era sua saúde física?

F – Nunca tive nenhum problema sério de saúde até hoje.

L – Você já chegou a encontrar com essas pessoas, com esses seus colegas da sexta ao primeiro ano?

F – Depois que eu vim pra Brasília não. Eu lembro de um episódio bem rápido alguns anos depois que eu encontrei um colega numa boate e a gente não tinha contato há vários anos e ele era um dos que mais me zoavam na escola, ali a gente já devia ter uns 17, 18 anos. Aí ele que veio me cumprimentar assim, e quando ele veio me cumprimentar eu senti um misto tanto de respeito mas também de arrependimento por parte dele, do que ele fazia. Não sei se isso foi uma impressão equivocada mas foi o que eu senti na hora. Mas foi só, depois eu perdi o contato com eles e nunca mais reencontrei.

L – Você acha que as pessoas que praticavam *bullying* contra você deveriam ter sido punidas de alguma forma?

F – Então, eu achava que se tinha alguém que deveria puni-los seria eu, pra reagir e pra me defender. Na verdade era uma coisa que eu encarava mais ou menos como normal, como natural, o mundo era assim mesmo, e talvez por isso eu nunca contei pros meus pais e pros meus professores o que eles estavam fazendo e que eles deviam ser punidos por causa disso. Na verdade eu acho que eu deveria ter a iniciativa de puni-los mas era incapaz de fazer isso.

L – De que forma você pensava que poderia puni-los?

F – Olha, eu acho que de forma que um adolescente pensaria, devolvendo na mesma moeda, ridicularizando eles e tudo também. As mesmas coisas que eles faziam contra mim eu achava que fazendo contra eles eu seria mais respeitado, tipo criar um apelido pra um deles na frente de todo mundo ou então jogar bolinha de papel neles também, ou mesmo brigando com eles, lutando com eles fisicamente.

L – F. me conta um pouco sobre os seus relacionamentos afetivos?

F – Ah eu nunca tive uma namorada nesse período não. Eu lembro que até me apaixonava por algumas meninas mas também não tinha coragem de me declarar pra elas porque eu também me achava muito inferiorizado pra isso.

L – Até quando você acha que carregou as conseqüências do *bullying*?

F – Ah eu acho que as conseqüências foram bem tardias. Eu acho que, como eu disse, houve até um período no começo da faculdade que acho que isso teve conseqüências.

L – E como é que isso afetava você?

F – Eu era muito recluso, muito receoso de me enturmar com as pessoas com as pessoas, interagir, e acho que boa parte por causa desse *bullying* que eu sofri. Talvez até hoje eu ainda... Tipo assim, hoje eu sei, tenho mais consciência da minha personalidade, eu sei que sou uma pessoa mais introvertida, que não tenho nem a necessidade nem a facilidade de interagir com outras pessoas, com outros grupos. Mas eu acho que o *bullying* teve até pouco tempo atrás, até o começo da faculdade teve uma influencia forte .

L – Você já procurou terapia?

F – Não, nunca fiz terapia, nem sobre isso, nem sobre outro assunto.

L – Ok, obrigada F.

Entrevista 1 com Lucas

A= autora

L= Lucas

A – Lucas me conta um pouco como foi a sua vida escolar.

L – A partir do 1º ano?

A – Desde que você se lembra.

L – Foi tranquilo assim, começou mesmo a partir da sexta série que eu comecei a ter problemas na escola, em uma escola no lago sul. É estranho, sabe quando você vê que seus amigos de repente, seus próprios amigos viram seus inimigos, tipo, trai sua confiança, sabe? Eu não sei, foi algo que aconteceu de repente, eu não sei se eu, às vezes eu suspeito, acho que eu dei algum motivo.

A – Que motivo você acha que pode ter dado?

L – Não, pois é, não que tenha influenciado muito, mas talvez tenha influenciado pouco assim, contribuído né. Eu cheguei a faltar um mês de aula.

A – Como é que começou?

L – Começou com implicâncias normais e de repente comecei a sofrer perseguições e começou a ficar mais pesada a coisa assim. Mas não foi assim uma violência física, foi mais assim uma perseguição psicológica que foi aumentando gradativamente dentro da sala de aula, fora, durante os intervalos, ao ponto de eu começar a matar as aulas e me esconder na escola até chegar ao ponto de eu não querer ir mais pra aula durante que foi o tempo que eu fiquei um mês sem ir pra aula. E aí a diretora até notava que tinha algo errado acontecendo, falava pros meus pais, mas eu não contava, não tinha coragem de contar pros meus pais.

A – Até quando durou?

L – Bom, durou o tempo que eu fiquei lá, esse foi o último ano que eu estudei lá.

A – Na sexta?

L – É, e quando completou um ano eu saí da escola.

A – Você que pediu pra mudar?

L – Foi. Eu pedi pra mudar e na outra escola que eu mudei já não tive esse tipo de problema.

A – Ah tá. Então foi só na sexta série?

L – Foi. Foi a última vez que eu vi essas pessoas, convivi com essas pessoas.

A – E elas implicavam com você com relação a quê?

L – Tudo. O que dava vontade eles faziam, empurravam, chutavam, me tiravam da fila da cantina. É, assim, me tratavam como um...como se diz...como eles queriam assim, sabe? E os professores simplesmente viam e também não faziam nada, uns riam, não repreendiam. E era uma tortura todos os dias ter que ir pra lá.

A – Como é que você reagia?

L – Eu era muito quieto, muito...como se diz...e eu não reagia, eu não reagia, eu ficava na minha quieto, recolhido, eu não reagia de nenhuma forma, esperando que isso passasse né, mas não passava.

A – E assim, era mais menino ou menina que implicava com você?

L – Mais homens, meninos. Meninas ficavam na dela, só presenciavam mas não faziam nada, ninguém fazia nada.

A – E você nunca contou pros seus pais?

L – Não, eu cheguei a contar pra minha mãe que tava...mas não assim profundamente.

Falando que eu não gostava, que eu tava tendo uns problemas, mas ela percebeu que tinha algo errado, que deveria ser por um motivo assim que eu não estava muito bem.

A – E quando você não foi pra aula você falava o que pra sua mãe?

L – Na verdade ela tava viajando, só tava o meu pai em casa. Então ele era mais tranquilo... ele tava preocupado, ele falava que eu tinha que ir pra aula, mas eu não ia e

assim não tinha também que me forçar muito. E aí ele conversava com a minha mãe, até que minha mãe voltou, nós conversamos e depois desse mês, mais ou menos mês de outubro, e mais ou menos em novembro eu conversei bastante com ela e ela me convenceu a eu voltar a ir pra aula.

A – Me conta um pouco como é que era a educação dada pelos seus pais. Se era muito rígida, se eles eram mais liberais...

L – Não, não era tão rígida assim. Meu pai era bem tranqüilo, bem liberal, minha mãe também, mas assim, tudo dentro dos limites. Meu pai era mais assim, deixava tudo bem, ele era mais tranqüilo, mas minha mãe ela era mais centrada assim, preocupada, ela conversava comigo e dependia do consentimento dela.

A – Como era sua relação com seus pais?

L – Assim, minha mãe foi um pouco mais fechada, mais séria, mas nem tanto também. Ela sempre permitia o que eu queria fazer desde que eu conversasse com ela e pedisse com clareza e ela me explicava que podia então não tinha problemas. Eu nunca tive nenhum problema com eles por causa disso porque eu sempre fui muito aberto com a minha mãe e com o meu pai e sempre conversava tudo, esclarecia tudo o que eu queria.

A – Você tem irmãos?

L – Tenho, duas irmãs.

A – Mais velhas?

L – Sim.

A – Como que era você na escola até a sexta série? Você já estudava nessa mesma escola até a sexta série?

L – É, entrei na terceira série nessa escola e sempre foi tranqüilo, nunca tive nenhum problema, era um bom aluno, até ocorrer esse problema eu era um bom aluno. É, nunca tive nada que me causasse problemas por isso que me estranhou o fato de ter acontecido

isso assim de repente, sem motivos assim, porque eu não via, tentava ver mas não via nenhum motivo por que poderiam estar fazendo isso comigo todas as pessoas.

A – Como que era a relação com os seus amigos antes da sexta série?

L – Ah era tranqüila também. Eu tinha vários amigos lá na sala, tudo normal, tudo como deve ser mesmo.

A – E na sexta série, como é que ficou?

L – Bom, quando ocorreu isso eu fiquei com um amigo ou dois, mas eles também às vezes não estavam e aí era quando eu tinha mais problemas que eu ficava sozinho. Ou eu ia pra algum lugar da escola, algum canto que não tinha ninguém ou acontecia o que acontecia.

A – E aí você mudou de escola e como é que foi depois?

L – Ah foi tranqüilo, eu conheci novos amigos e nunca mais tive problemas disso, assim, com outras pessoas. Mas isso eu carreguei durante muitos anos, isso o que aconteceu, eu carreguei durante muito tempo.

A – E como você acha que isso afetou você nos anos seguintes?

L – Afetou muito a área social. Eu parei de ter confiança nas pessoas, sempre pensava duas vezes antes de falar algo pra alguém, passei a sair menos de casa, com certo receio das pessoas na rua, de conhecer pessoas do passado em situações constrangedoras, por todas essas possibilidades, e isso foi durante muito tempo. Medo de fazer novas amizades e acontecer o mesmo que aconteceu. Enfim, eu perdi muito contato social né, a oportunidade de socializar mais com as pessoas e até hoje assim, hoje eu tenho bem menos, mas posso dizer que ainda carrego um pouco disso.

A – Como é que ficou seu rendimento escolar na sexta série?

L – Bom, caiu drasticamente, eu não conseguia mais estudar, eu nem me importava com as notas e nada, só escrevia meu nome na prova e entregava. E depois dessa época eu

meio que perdi o interesse que eu tinha antigamente pelo estudo, pelo conhecimento, eu diria que eu nunca mais consegui recuperar essa vontade de estudar.

A – E o seu rendimento depois da sexta série, como é que ficou?

L – É, começou a ser assim, mediano sabe? E eu comecei a me sentir satisfeito somente com esse nível mediano, sabe? Nunca mais recuperei aquela vontade de ser um aluno com um rendimento bom.

A – E até a sexta série quais eram os seus *hobbies*? O que você gostava de fazer fora da escola?

L – Bom, eu não saía muito, eu ia só ao cinema, na casa de um amigo, o que todo mundo fazia assim, conversava, brincava, saía... e eu também era muito dependente né, de dirigir... É, mas assim mesmo, na casa dos amigos e tal...

A – E na sexta série, o que você fazia fora da escola?

L – Nada. Eu ia pra casa e só ficava em casa, evitava o contato assim muito de sair, sabe?

A – E após a sexta?

L – Após a sexta eu diria assim que voltei ao normal. Nessa outra escola eu conheci novas pessoas que eram bem mais assim, como diz, gostavam mais de sair por aí, fanfarrar. E aí parece que nesse aspecto eu consegui recuperar, voltei a ter prazer de sair, de fazer outras coisas, de não ficar só em casa. Mas mesmo assim era com cautela, tipo assim, só algumas pessoas selecionadas, eu não tinha aquela confiança mais em todos, assim eu tinha mais confiança com pessoas mais antigas mesmo, me sentia seguro. Mas após isso com os anos eu fui, eu estou recuperando.

A – Você já fez algum tipo de tratamento?

L – Bom, naquela época eu não quis. Eu cheguei a ir numa psiquiatra, somente no segundo grau.

A – Você tinha quantos anos?

L – Dezesesseis. Mas aí foi uma fase mais em que minha mãe tava gerando muita preocupação porque eu estava meio, como diz, parado, cansado, aí eu comecei a ir e assim...até ajudou, às vezes eu conto essas coisas do passado também pra ela e é uma forma de...somente conversando que você consegue ver, receber ajuda e ver que às vezes de outros olhos a coisa não é bem assim. E aí de vez em quando eu tenho consultas eventuais e até hoje eu frequento essa psiquiatra.

A – E terapia, você já fez?

L – Não, terapia eu nunca cheguei a fazer.

A – Lucas você já estudou fora?

L – Eu estudei seis meses nos Estados Unidos.

A – Você tinha quantos anos?

L – Eu tinha uns treze.

A – Foi na sétima série?

L – Foi.

A – Então você mudou da escola e já foi direto pros Estados Unidos?

L – É, eu fui pra lá e aí eu voltei aqui, eu ia voltar pra aquela escola mas eu acabei indo pra que eu falei, a nova, e não cheguei mais a voltar pra aquela escola.

A – E como é que foi seu intercâmbio?

L – Foi ótimo, assim, são pessoas novas e é outra cultura, outros costumes, outro modo de vida... diria que é um crescimento bem grande. Lá as pessoas te respeitam como pessoa, como cidadã. É outro mundo.

A – Como que era sua relação com os seus amigos americanos?

L – Bom, os americanos eles são mais assim... pelo menos os que eu conheci eles são mais reservados e mantém a amizade mais com americanos também, sabe? Com

estrangeiro eles têm, não diria um preconceito, mas assim é um pequeno afastamento. Mas eu conversava com eles, eles conversavam comigo e tal, mas não era uma coisa assim, uma amizade assim de sair e tal. Eu tinha mais amigos mesmo de pessoas de outros países que estavam na mesma situação que eu, então era bom porque todo mundo de outro país se relacionava, porque estavam todos no mesmo barco.

A – Mudando de assunto, como foi a época da faculdade?

L – Bom, em relação aos estudos é como eu disse, eu tive uma certa dificuldade porque eu perdi, desde essa época que eu passei, eu perdi meu interesse pela leitura e fui meio que empurrando. Então eu tô dando graça a Deus que isso chegou ao fim, assim, estou terminando a faculdade agora e ver o que vai dar daqui pra frente.

A – E o que você pretende fazer?

L – Bom, eu vou dar um tempo e pensar se eu vou fazer algum concurso público. Mas ainda não cheguei a me concentrar totalmente pra pensar assim que área eu vou seguir, mas to priorizando agora o término do curso.

A – Como é que era sua relação com as meninas até a sexta série?

L – Ah tranquilo também, todo mundo era amigo assim, todo mundo conversava e saía todo mundo, tinha aniversários, saía pra algum lugar, era normal assim.

A – E na sexta série?

L – Bom, engraçado, parece como se todo mundo assim mudasse, e como acontecia esses casos, então parece que as pessoas foram se distanciando, às vezes também elas testemunhavam mas também não faziam nada, as vezes também por medo de sofrer ou né... E parece assim como se todo mundo se distanciou assim, todos da sala.

A – Quantos meninos mais ou menos ficavam te provocando?

L – Bom, não juntos, mas eram assim uns cinco ou sete que..., mas não todos juntos, às vezes era um ou outro, ou outro...

A – E eram da mesma sala?

L – Eram, todos da mesma sala.

A – E eles tinham algum tipo de prestígio? Assim, não por causa disso, mas eram tipo, os populares, os bagunceiros da turma?

L – Não, não. Assim, é claro tinha os bagunceiros, mas era normal assim, não tinha... tinha um ou outro que tinha um certo prestígio assim. Diria que era do médio pra pior, sabe, dos mais bagunceiros.

A – Você notava se outras pessoas também sofriam *bullying*?

L – Notava, mas não com a frequência que eu sofria, também sofriam mas era mais eventualmente.

A – E qual era a frequência?

L – Umas duas, três vezes por semana.

A – Você pode dar um exemplo de um episódio?

L – Eram mais assim, agressões tipo tapas na cabeça, empurrões, jogar no chão, por exemplo, no intervalo das aulas tinha que mudar de sala na ausência de professores, ou não, as vezes tinha professor passando perto. Eram mais assim atitudes feitas momentaneamente assim, pra perturbar, mas era algo constante sabe, que não tinha como me defender.

A – E eles te xingavam de alguma coisa, davam apelidos?

L – Não, xingar até que não, era mais agressões de contato mesmo, física, não de algo verbalmente.

A – Você se machucava?

L – Não muito assim, mas era uma situação muito chata de acontecer aquilo na frente de outras pessoas. Mas não era algo que eu chegava a ter lesões.

A – E qual era a atitude das pessoas que presenciavam?

L – Nada. Viam e voltavam pra sala, as que estavam por ali e viam não faziam nada.

A – Elas riam?

L – Não, assim, olhavam como que observando e isso até me intrigava porque elas não tinham nenhuma reação também, sabe?

A – Esses agressores, eles eram seus amigos antes?

L - Eram.

A – Você sabe como é que era o rendimento escolar deles?

L – Tinha uns que era rendimento alto, outros médio, outros pouco abaixo do médio. Tinha vários tipos de rendimento.

A – E você sabe falar algum motivo por que eles começaram a fazer isso com você?

L – Não, não faço idéia. Eu fiquei muitos anos pensando a respeito disso e não sei se seria porque eu era o mais baixo da turma, e as pessoas faziam isso, ou pela minha falta de reação, porque eu era tão quieto que eu não reagia, e as pessoas falavam: “oh mas você não faz nada, você nem reage, você nem liga?”. E até hoje eu penso o porque assim, não faço idéia porque que eles faziam isso.

A – Como é que você se sentia na época, na sexta série?

L – Bom, horrível, se dependesse de mim eu nunca mais teria ido na escola, aí eu teria perdido o ano, mas o meu refúgio era a minha casa, ficar em casa.

A – E o quê que você fazia dentro de casa?

L – Não muita coisa, via filmes, tv, computador, som, só isso mesmo.

A – Você ainda tem contato com esses seus colegas?

L – Se eu tive algum contato? Cheguei a ver alguns que perguntaram se eu lembrava deles, e claro que eu lembrava. E eu até tentei ter algum papo assim, mas parece que não houve muito papo da parte deles. Uns que eu encontrei estavam meio calados, talvez por algum arrependimento que eles tenham tido ou algo assim.

A – Quando você encontrou com eles?

L – Um em 2007, outro em 2008, foi recente agora. Mas eu nunca mais vi assim, nunca cheguei a ver na rua, graças a Deus.

A – E hoje, quais são seus *hobbies* hoje, o que você gosta de fazer?

L – Pó, de tudo, eu toco guitarra, eu vou ao cinema, eu saio, visito umas cachoeiras por aí, saio pra comer... Ah, o normal, o que antes eu não tinha nem coragem nem vontade de fazer.

A – E como é que é pra você falar desse assunto hoje? Como é que você se sente?

L - Bom, assim, não tenho assim problema em falar e contar isso pras pessoas, porque pelo que eu vejo é muita gente que passou por isso e também não tinha coragem de falar, e tem muita gente falando pra mim que passou por isso, que nunca tinha contado pra ninguém e veio contar pra mim, aí eu pensei “bom, parece que não fui o único”. É interessante.

A – Você acha que os seus colegas deveriam ser punidos?

L – Bom, as vezes eu vejo que pela idade que nós tínhamos, talvez era uma coisa que eles não tinham amadurecimento tão grande, as vezes essa foi a causa dessas provocações e as vezes por faltar um apoio dos pais ou algo assim, uma orientação familiar que as vezes eu tive e eles não tiveram, falta de bom senso, valores, costumes, coisas assim. Eu acho que no meu caso pode ter sido por causa desses fatores, ser muito novo, não saber a consequência das atitudes que eles tomaram. Eu acho que se eles tivessem tido um pouco mais de instrução, de direcionamento, eles talvez poderiam saber que essas atitudes podem causar traumas, danos irreversíveis pro resto da vida que a pessoa pode carregar.

A – Então tá bom Lucas, muito obrigada.

L – De nada.

ENTREVISTA 2 COM LUCAS

A = autora

L = Lucas

A – Então Lucas, o que você achou do mapa conceitual?

L – Tá bem explicado aqui, estão todos os aspectos divididos sobre a minha vida e sobre o que eu sofri com o *bullying*. As informações estão bem completas, tem tudo o que precisava.

A – Na primeira entrevista eu te perguntei mais sobre a sua infância na escola e sua vida na escola. Me conta um pouco a sua infância fora da escola.

L – Bom não teve nada assim, foi bem tranquila, meus pais saíam muito comigo, não teve nenhum evento tão drástico quanto o que eu sofri. Era normal, meus pais me levavam pra sair, eu brincava, eu estudava.

A – Você saía pra onde com eles?

L – Ah era mais assim, dia de semana as vezes eu ia pro trabalho com eles e fim de semana a gente ia pro parque, saía na rua, esses afazeres diários.

A – E do que você gostava de brincar?

L – Era mais videogame com os amigos.

A – O que você fazia nas férias?

L – De vez em quando a gente viajava pro rio, pra casa de nossos parentes lá e aqui mesmo.

A – E como que eram essas férias?

L – Gostava, era tudo muito novo pra mim que era muito pequeno, era bom, era diferente.

A – Que tipo de música você gostava de ouvir?

L – Mais rock, essas coisas assim.

A – Qual era sua banda preferida?

L – Offspring, Oásis, essas bandas.

A – Você tinha algum sonho quando criança que gostaria de realizar?

L – Bom, tinha mas cada hora era uma coisa. Era muito influenciado pelo meio, pela tv, informações que vêm de fora. Eu já pensei em ser tudo que a gente na cidade pensa em ser, policial, bombeiro, astronauta...

A – Praticava algum esporte?

L – Eu não, não praticava assim não...é, esporte assim...não, com frequência não fazia nenhum esporte não.

A – E como era, você tinha algum grupo de interesse em comum?

L – Mais ou menos com 14 anos a gente pensou em montar uma banda mas sempre tinha algo que dava errado, e até hoje nunca conseguimos fazer.

A – Era com seus amigos da escola?

L – Não, do prédio.

A – Como é que era sua relação com seus amigos do prédio?

L – Sempre foi mais tranqüilo, a gente se conhecia há muitos anos, morávamos todos lá desde pequeno então era algo mais confiável, uma relação mais confiável do que com amizades da escola.

A – Você costumava sair com eles?

L – Saía, saía, saía com eles, com a famílias, as vezes saíamos todos juntos...foi bem legal.

A – Como é que era a sua saúde durante a infância?

L – Era normal, nunca passei por nenhum problema de saúde. Normal.

A – Qual fase da sua infância você diria que foi a melhor fase?

L – Eu diria que foi pelos 14, 15 anos. Foi a melhor fase, que foi quando eu mudei de escola, conheci novas amizades, ganhei uma guitarra e aí comecei a conhecer mais gente. Foi uma mudança na minha vida.

A – Como que é a sua história com a guitarra?

L – É, quando eu ganhei eu nem sabia tocar direito, fui aprendendo e com o tempo fui me identificando mais e gostando mais e querendo aprender mais.

A – Na sua escola na sexta série, como você acha que era visto pelos seus colegas?

L – Não sei, eu penso nisso às vezes tento descobrir como eu era visto. Bom, assim eu nunca fui chato com ninguém, nunca fui de implicar, de importunar, então como eu era mais na minha eles poderiam me ver como uma pessoa quieta, mais tranqüila também, que não buscasse problema com os outros.

A – Você disse que antes da sexta série você tinha um rendimento bom. Como você acha que os alunos com rendimento bom eram vistos?

L – Igual hoje né, eram vistos como nerds, cdf. Mas eu não tinha problema com isso, não era uma coisa negativa, não chegavam a importunar por isso.

A – Eles te importunavam com relação a que?

L – Era tudo, o que desse na mente deles na hora, onde eles podiam botar defeito eles colocavam sabe? Com relação a mim, o que eu estava vestindo, meu material, qualquer coisa que surgisse e tivesse a possibilidade de colocar defeito eles começavam com críticas negativas. Tudo o que eles podiam eles faziam.

A – Na sua família, como você acha que era visto?

L – Deviam me ver como uma pessoa bem quieta, calma, e antes de acontecer isso eu tinha minhas obrigações com estudo e tal. Depois parece que eles começaram a perceber que tinha algo errado passei a ficar mais tempo sozinho, isolado. Mas fora isso acho que eu devia ser visto sem nenhum maior problema.

A – Isso foi uma coisa que não ficou clara pra mim na primeira entrevista. Seus pais percebiam seus problemas na sexta série?

L – É, eles perguntavam o que estava acontecendo, por que eu não queria ir pra aula, mas eu não contava assim tudo, eu só contava que implicavam muito comigo, eu não estava gostando, não é uma situação boa e por isso eu não queria ir pra aula. Acho que eu só falava isso, não dizia o porquê.

A – E você sabia o porquê?

L – Não, também não, porque eu não entendia por que as pessoas que eu conhecia começaram de repente a implicar assim comigo. Então eu dizia mais isso pros meus pais, e eles pensavam em um jeito de me ajudar, mas como eu não contava não tinha como eles adivinharem o que tava se passando.

A – Como você acha que seu rendimento se relaciona com o *bullying*?

L – É, tá relacionado, porque como eu ficava muito deprimido, chocado com essas atitudes que eles tomavam, eu passei a não ligar. Como eu não tinha vontade de ir na escola, então eu também passei a não ter vontade de estudar? Pra que, se eu não podia ir pra escola? Tava mais preocupado com essa atitude que eu sofri, que parece que eu passei a colocar o estudo não mais como uma prioridade que eu tinha antes.

A – E o seu bom rendimento como motivo?

L – Creio que não, porque como eu já estudava lá uns antes e por causa disso eles teriam começado isso bem mais cedo.

A – Você pode se descrever como era na sexta série?

L – Eu era bem tímido, bem baixo também, magro, bem magro. É, eu era bem tímido mas de vez em quando eu perdia a minha timidez.

A – Em que situações você perdia a sua timidez?

L – Quando eu ficava mais à vontade com algumas pessoas, em poucas situações.

A – E o que mais você deixava de fazer por causa da sua timidez?

L – Eu não deixava de fazer muita coisa, eu era uma pessoa de poucas palavras, era mais sério, conversava somente o necessário com as pessoas.

A – Isso antes da sexta série?

L – Também.

A – A quê que você atribui o fato de o *bullying* ter ocorrido nessa escola do lago sul e não em outras escolas?

L – Talvez uma ausência de fiscalização maior dos professores, dos orientadores. É, assim mais presença constante deles, as vezes penso que poderia ser isso.

A – E tinha alguma diferença de comportamento dos alunos dessa escola no lago sul e nas outras escolas que você estudou?

L - É, posso dizer que antes eles eram pessoas assim, como diria, que se portavam de maneira normal. Mas não sei se o comportamento deles chegasse tanto a ser diferente.

A – Até que ponto você acha que sua falta de reação e o seu porte físico contribuíram pra você ter sido alvo de *bullying*?

L – Isso pode ter contribuído de certa forma mas também não deve ter sido só isso, deve ter sido combinado com outros fatores que devem ter levado a essa atitude deles. Talvez uma nova fase que eles estavam passando, as vezes problemas que eles estavam passando também em casa, problemas pessoais que podem ser transferidos pra escola talvez.

A – Você falou na primeira entrevista algumas vezes que você carrega as conseqüências do *bullying* até hoje. De que forma você carrega isso?

L – Eu passei a refletir muito na escolha das amigadas, as vezes isso me impediu de conhecer mais pessoas, sempre fui uma pessoa muito retraída, muito com falta de confiança né. E também afetou muitas coisas, comecei a ter problemas pra falar em

público, pra lidar em situações com várias pessoas. E até hoje eu to lutando com isso pra conseguir voltar ao que era antes. Hoje eu também não guardo tanto rancor como no passado, mas que é um trauma é, me marcou bastante. Mas com o tempo a gente vai esquecendo muitas coisas.

A – Você disse também na primeira entrevista que evitava sair de casa com medo de encontrar pessoas que conheciam em situações constrangedoras.

L – É, só de ver essas pessoas na rua gerava um desconforto imenso, então eu não saía muito de casa.

A - Durante essas provocações você não reagia, mas o que você sentia na hora?

L – Muito angustiado, com medo que acontecesse algo mais grave. Eu só esperava que acabasse logo.

A – Na primeira entrevista também você disse que gosta de ir ao cinema, ir pra cachoeira, sair pra comer. O que você não gosta de fazer hoje?

L – Eu não gosto muito de ir à boate, coisas de dançar, não sou muito chegado a isso.

A – Na adolescência como era sua relação afetiva com as meninas?

L – Era normal, cheguei a ter uma namorada, um namoro sério, mas acabei saindo da escola e a gente acabou não se vendo mais.

A – Quando foi isso?

L – 1999 pra 2000. Daí pra cá a vida foi enchendo com problemas e eu acabei que não namorei mais.

A – Lucas me conta o seu tema da monografia.

L – Meu tema é sobre o *bullying*, sobre a responsabilização da Instituição de Ensino, sobre danos morais, em que casos a Instituição pode ser responsabilizada ou não.

A – O que você acha que o motivou a escolher esse tema?

L – Eu não sei, porque eu vi uma notícia sobre isso, que a escola estava sendo obrigada a reparar o dano. Não sei, é um tema novo que eu acho que ninguém deve ter feito ainda e falaram que temas novos são bem recebidos na banca, então eu decidi procurar saber.

A – E como é que você se sente escrevendo sobre esse tema?

L - Ah não tenho muito problema, não me incomoda.

A – Como você acha que a sua escola no lago sul poderia ter agido?

L - Poderia ter tido uma ação mais efetivo, mas eu vejo pelo lado da Instituição também é difícil manter o olho em todos os alunos, mas eles poderiam ter tomado uma atitude naquela situação.

A – É, na sua primeira entrevista você disse que a Diretora até notava que tinha algo acontecendo...

L – É, mas também tinha muito da minha parte porque eu não falava nada, a pessoa deve procurar falar e procurar orientação e a se a Instituição se omitir, não quiser dar uma ajuda, procurar outros meios de resolução do conflito.

A – E como você acha que teria sido sua vida se você não tivesse sofrido *bullying*?

L – Ah seria bem melhor, eu não teria guardado rancor por tanto tempo. As vezes eu teria seguido outro caminho, tomado outras atitudes, poderia ser uma pessoa mais desinibida, mas a gente vai tentando correr atrás do prejuízo.

A – Tem alguma coisa que você gostaria de acrescentar?

L – Ah isso é um problema que está acontecendo cada vez mais, com um número maior de pessoas, e elas devem procurar ajuda de quem quer que seja, de amigos, pessoas que confiam pra não guardar os efeitos negativos por anos ou até pelo resto da vida.

A – E por que você não procurou ajuda?

L – Eu achei que era algo passageiro, que iria para, que fosse algo só ali da hora, sabe? Que não era algo que seria constante. É, mais por isso, por achar que era passageiro, mas não foi.

A – Obrigada Lucas.